

1.1 A lógica do máximo reaproveitar

Em outubro de 2004, um domingo, estive na casa de D. Mara, 47 anos e duas filhas adolescentes - Mara e Mita de 15 e 14 anos. De Pernambuco, veio ‘menina’ com os pais e irmãos para trabalhar em uma usina de cana e naquele momento trabalhava na Acácia, à esteira de triagem; atualmente trabalha na Coleta Seletiva Solidária, nas ruas. A principal marca de sua fala é deixar claro que nunca trabalhou no lixão, apesar da insistência de sua irmã - D. Rosilda - e ressaltar, ativa, a batalha diária que enfrenta para que as filhas ‘defendam um rumo na vida’. Sua luta vem com a firmeza: “*O pai morreu, sobra eu, que exijo delas porque eu dou tudo, aqui em casa elas não come o que eu trago da Usina, eu deixo do melhor pra elas, mas exijo e elas andam é aqui na linha do estudo e do respeito*”. Mara estuda música há quatro anos em um projeto da Uniara, seu instrumento é o clarinete e Mita é jodoca no Sesi desde os 7 anos de idade; não trabalham, ‘só estudam, pois estão sendo encaminhadas’. Num momento, a conversa é suspensa pelas palmas no portão: enquanto três mulheres entram na pequena sala-cozinha, D. Mara traz de seu quarto um lençol que, aberto, revela roupas, lenços coloridos, sapatos, cintos - a um, dois, três reais. Recebo de presente um lenço amarelo, ‘o mais bonito’:

Um dia tava tão sem dinheiro, não tinha nada, as meninas não tinha calcinha pra vestir e eu rezava, pedia pra ter uma ajuda... Não é que lá na esteira passou na minha mão um saco fechado com um monte de calcinha nova, com uns defeitinho assim, mas novinha! Agradei muito a Deus, que me ajudou, né filha? (Gravador)

D. Mara também *não deixa passar nada*, retira das possibilidades que tem o para além do sustento das filhas do qual se alimenta, mãe, na perspectiva dos outros rumos que possam percorrer, feitos de uma batalha diária elaborada na lógica do máximo reaproveitar **o que restou**. Lógica do ecologicamente correto - mais uma invenção mercantil a baratear matéria-prima enquanto o planeta quase destruído não acabe (Legaspe, 1996) -, mas que aqui é eco de outro grito: da pobreza estruturada a partir de uma estupidez humana que não tem feito mais do que criar abismos a desagregar, apartar, engolir.

•

Voltando à organização do espaço, a operacionalização das prensas está sob a responsabilidade de Toninho (37 anos), que a divide com outros homens, juntamente com as tarefas mais pesadas de enfardamento e deslocamento do material⁶⁵ e há revezamento em todas as fases - cada associado (a) está capacitado para operar em qualquer etapa da produção. A quantidade de material triado e preparado de segunda a sábado, das 7 às 18, 19 horas, varia em função dos ritmos de trabalho impressos na disponibilidade para a execução e na assiduidade dos (as) trabalhadores (as): o ponto de atrito a gerar conflitos na Acácia onde, por princípio associativo o rendimento⁶⁶ é dividido coletivamente, é o fato de que algumas pessoas trabalham menos, “*encostam, fazem corpo mole*”, faltam muito e raramente comparecem principalmente nos sábados e segundas-feiras:

Tivemos que fazer assim e funcionou: falta do sábado, como a gente só trabalha meio período, perde o dia inteiro e de segunda perde dois dias. Então esse é o caminho que a gente encontrou pra conseguir que eles venham trabalhar esses dias, porque o material de segunda-feira é relativamente bom, material de feriado é bom também, então tem uma produtividade esses dois dias. É bom porque acumula. O corpo mole já é mais difícil, tem uma cobrança e brigas entre eles também.
(Anderson, novembro, 2004)

Em relação a essa questão, é fundamental demarcar o fato de que, a partir da observação empírica e da análise dos registros das presenças, as mulheres são as que mais trabalham e, quando abordadas a respeito, freqüentemente se referem ao sustento da família e à preocupação com os filhos, tendo em vista que as mais jovens (entre 20 e 28 anos) declaram que dificilmente contam com o apoio financeiro dos pais das crianças ou dos companheiros, que retornam mais freqüentemente à catação no aterro à noite:

⁶⁵ Fotografias 8, 10 e 11.

⁶⁶ O rendimento mensal está sujeito a essas questões e também à oscilação dos preços do material de acordo com a época do ano: papel em épocas de chuva têm pouca saída, assim como feriados e datas comemorativas são mais rentáveis; além disso, tem a questão do mercado que, por vezes, joga com as demandas para obter quedas nos preços, o que é comum com alumínio e PET. O rendimento individual de dezembro de 2005 (segundo a Secretaria de Economia Social e Solidária), com a parceria referida no Projeto de Coleta Seletiva foi de R\$ 370,00.

As mulheres são mesmo as mais trabalhadoras, têm medo de perder o emprego, porque é quem segura o rojão. Porque se hoje faltar alguma coisa, uma mistura na sua casa, cê vai na vizinha, pede um ovo, cê dá um jeito, inventa alguma coisa, de um ovo, você faz virar dez... O homem não, não consegue, né? Ai ele vai beber uma pinga, se tem dois reais... Tem muito disso, eu acho, então sempre nos encontros de catadores que eu vou tem essa discussão das mulheres que chefiam as famílias, como aqui você vê também e na vida a gente vê, a gente vive isso. (Lena, caderno de campo, na usina, outubro, 2005)

Aqui na Acácia é mais seguro, não dá pra gente, mulher, ficar lá de madrugada com filho pequeno, arriscando correr de guarda, essas coisas... Diz, o povo antigo daqui, que antes morava lá, que era sossegado porque tinha famílias morando lá, agora só tem os homens e pra eles é mais fácil, por isso eu acho é que eles vai lá. Homem qualquer coisa tá bom porque não carrega filho e nós fica mais, trabalha mais, porque mulher é mais trabalhadeira, sempre. (Aparecida, 25 anos, caderno de campo, setembro, 2003)

Essa questão das disputas em relação à dedicação e responsabilidade sobre o trabalho é bastante evidente, em seus ecos e contextos, na fala - repleta de informações a respeito das relações travadas entre os (as) associados (as) nesse sentido - de Sandra, 31 anos, ex-associada, apresentada nas próximas páginas a contextualizar desafios encontrados por ações elaboradas recentemente de formação de parcerias entre o poder público e a Acácia, descritas no próximo capítulo.

2. Lixão: resistências e pertencimento

No atual momento de acirramento de uma lógica produtivista excludente, geradora do aumento das desigualdades em *sentido trans-escalar* - na escala global, entre os países de Norte e de Sul; na escala nacional, entre classes sociais e entre regiões no interior de cada país - o aumento do desemprego, o ritmo do consumo e seus efeitos sobre o meio ambiente, dentre outros fatores, têm ressignificado simbólica e economicamente o que

habitualmente classifica-se como descartável, ampliando a questão num quadro de impasses entre as dinâmicas produtivas e seus impactos sociais, instigando ações em busca de alternativas. Em Araraquara a Acácia é incentivada e surge diante da insustentabilidade e da urgência que a situação descrita exigia e das questões que estavam colocadas à discussão para o poder público e para a população da cidade através de artigos de jornais, reportagens locais, em meio a novos contextos políticos e à idéia das novas tendências de gestão pública desenhadas na esfera mais ampla dos debates sobre a *globalização neoliberal*, organizando-se movimentos caracterizados pela tentativa de reformulação da ação política para a questão da exclusão.

A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação do capital, um regime mais intensamente globalizado que os anteriores que visa, por um lado, dessocializar o capital, libertando-o dos vínculos sociais e políticos que no passado garantiram alguma distribuição social e, por outro lado, submeter a sociedade no seu todo à lei do valor, no pressuposto de que toda atividade social é mais bem organizada quando organizada sob a forma de mercado. Reside aí, o aumento exponencial das desigualdades sociais entre os países ricos e os países pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país.”(Santos, 2002a, p. 14)

Nesse sentido, com base na reformulação das políticas sociais da atual gestão pública municipal - em exercício de seu segundo mandato neste momento (2005) -, eles para a discussão entre catadores (as) e articuladores políticos foram afirmados para a busca de soluções que pretendam reconduzir as práticas de assistência na direção de um novo posicionamento. É neste ensejo que se localiza a *Associação Acácia* homologada em cerimônia oficial a 19 de novembro 2002, com vistas à legitimação e estruturação *formais* de uma atividade sempre considerada *à margem* do que tem sido definido como trabalho. De “*bichos a associados*” (as) percorre-se longo trajeto pessoal e coletivo pontuado por debates a respeito de iniciativas no espaço de discussões em nível nacional que nos conduzem a uma perspectiva mais geral na qual associar-se também surge como alternativa ao desemprego e aos impasses gerados pelos reestruturados padrões de produtividade. Desde então este é, sem dúvida, o tempo de maior mobilização por parte do poder público e conscientização destas pessoas no sentido de pensarem em sua condição social: ao longo

dos relatos a partir dos quais tecemos as próximas páginas deste trabalho, podemos perceber as energias nesse sentido e apostamos que a partir da compreensão das práticas a revelarem e denunciarem processos desiguais, se inscreve a elaboração da mudança. Restamos indagar novamente como esta mudança está se constituindo e em que sentido ela pode significar, de fato, novos horizontes rumo ao que poderíamos chamar de inserção social.

Os movimentos narrados anteriormente e a análise das falas obtidas na pesquisa de campo demarcam a complexidade da questão e a *fragilidade dos mecanismos forjados para o seu enfrentamento* sinalizando os limites para a ruptura com um modo de vida estabelecido ao longo de muito tempo: para os (as) mais antigos há a saudade de tudo o que se relaciona à idéia de ‘um tempo bom’ da vida e para as segundas e terceiras gerações, a vivência no lixão é a referência que ocupa a memória de uma vida toda até aqui. Voltando a este ponto da inconstância dos (as) catadores (as) em relação à Acácia para compreendermos os reflexos de um projeto pouco assumido politicamente até o momento, temos que a recorrência ao lixo continua ocorrendo⁶⁷, assim, no enfrentamento de uma vigilância cada vez mais difícil de driblar, porque mais incisiva a anunciar que ‘aqueles bons tempos’ estão chegando ao fim. Mesmo assim, em resistência a esse atinar dos ‘novos tempos’ - feitos de vontades agregadas ‘no laço’, dissipadas nas intenções e motivos, impostas, exigidas - ou num não se adaptar a eles, porque o exercício do viver às margens foi maior (ocupou as infâncias inteiras), já pudemos perceber (lembremo-nos do neto de D. Maria) que grande parte dos (as) catadores (as), inclusive os meninos mais jovens, retorna hoje à catação nos entulhos, mas até o final de 2004 estavam indo ao aterro, num vaivém que descreve, para além inconstância, a questão específica das adolescências sem projeto a perpetuar, num ciclo, a condição da não mudança, na não perspectiva e indica a natureza dos desafios dispostos:

Ali em cima [local onde os caminhões descarregam o lixo] tem muita gente ainda, mas tá cada vez mais difícil – o caminhão durante o dia enterra tudo e só sobra os

⁶⁷ Apesar dos dados abaixo se referirem a novembro de 2004, recentemente fui informada de pessoas trabalhando no depósito de entulhos, que fica próximo ao aterro (já citado o caso de um dos netos de D. Lurdes): “Essa semana estouraram lá o alambrado, que foi o pessoal lá do entulho, tinha gente lá trabalhando, aquilo estava meio abandonado, normalmente os catadores que não estão lá na Acácia, vão catar lá”. (Cyro/ Daae, dezembro, 2005) Os conflitos mencionados são discutidos adiante.

da noite, daí tem que catar de noite, que às vezes os guardas não sobem lá na madrugada. Mas é muito corrido – agora mesmo, se você for lá, tem um monte de barraco... (...) É, barraco, lá dentro da cana, o pessoal dorme ali, nem vai pra casa e muitos ficam ali bebendo, usando droga também... Não sei como vai ser com esse povo... Tem menino ali, vários, que nasceu no lixo, nas barracas lá de cima. Ali já eles ficavam, esperando às vezes caminhão da cidade só pra fuçar o que comer, então cê vê, eles já comiam aquilo ali, que não tinham dinheiro pra comida, então, cresce ali, são uns meninos bons, mas não foram na escola direito, aí eu falo: Ainda dá tempo, cês são tudo novo... Que eles têm ainda 15, 16, 18 anos... Eu aconselho muito os meninos, que eu tenho com se fosse um filho, porque a gente sabe onde vai parar - ou morre, ou vai pra cadeia, muitos já foram... (D. Rosalina, gravador, em sua casa, novembro, 2004)

2.1 Raízes

Felipe foi rapidamente apresentado nas páginas anteriores, é um dos filhos de Lena e trabalha ‘na seção dos venenos’, em frente à Acácia, sob a responsabilidade do Daae, de entorno das embalagens plásticas de agrotóxico utilizado nas lavouras de cana que circundam a cidade: sua eloquência e o teor crítico de sua fala são talentos utilizados e desenvolvidos para a composição de letras de músicas inseridas no movimento *Hip Hop*. Naquele dia (março de 2004), foi a primeira pessoa que encontrei quando cheguei à Acácia - estava livre no momento e me propôs uma volta pelo espaço da usina, contíguo ao aterro, o denominado *lixão*⁶⁸, enquanto ao me apresentar cada local, rememorou fatos de sua infância aos dias atuais elaborando assim, algumas reflexões sobre este universo no qual se enraíza grande parte de sua vivência. Logo depois de nossas andanças, transferei todas as minhas lembranças e impressões para o caderno de campo e como realizei esse exercício ali mesmo com Felipe ao lado, atento ao meu trabalho, pude reconstituir de maneira bastante próxima, algumas de suas falas; eis, portanto, o resultado resumido de nossa conversa e deste exercício de pesquisa:

⁶⁸ Nas próximas páginas há uma descrição pormenorizada desse espaço, ilustrada por um estudo fotográfico.

Em silêncio, das baias (locais destinados ao depósito de materiais enfardados e específicos como fios e componentes de aparelhos elétricos), logo passamos pela esteira de triagem em direção a um patamar superior, de onde ganhamos uma visão mais ampliada e podemos observar o espaço da usina e do aterro em quase toda extensão. Felipe aponta, há uns 25 metros de onde estávamos (bem próximos ainda do local de trabalho de triagem), o local onde se realizava, até 1999, a compostagem do lixo: havia ali uma outra esteira que levaria o lixo orgânico resultante da triagem a uma grande peneira. Bem ao lado desta esteira, uma cava onde estava sendo aterrado, sem qualquer tratamento, o lixo hospitalar: *“Tanto dinheiro que o Daae, a Leão Leão têm [empresa de coleta de lixo] e eles fazem isso, vai saber quanto tempo esse lixo vai demorar pra se recompor ou nem vai aí no meio ambiente, o perigo desse lixo que vem, é lixo de hospital...”* Pergunto a respeito de um incinerador destinado a esse tipo lixo, que fotografei em funcionamento em 1998⁶⁹ e, tomando a direção do local, Felipe diz estar desativado e prossegue:

Aquela esteira [de compostagem] eu ajudei a desmontar pra pôr ali pra funcionar, desmontei inteira e aprendi a mexer nesse maquinário, sou um dos únicos que sabe. Ali do lado [aponta para um campo do qual vamos nos aproximando, ao lado do antigo incinerador] a gente fez um campinho onde jogava bola na hora do almoço, quando tinha bastante molecada aqui no começo da Associação, era lá o nosso espaço, depois saiu uma pá de gente, desse pessoal mais novo. Pergunto o motivo: “A galera sai... Aqui persistem mais os da antiga, a geração dos mais velhos... A galera tem outros apelos... Tinha um cara, amigo nosso, que precisava trabalhar, tinha um filho pequeno, veio aqui, falou com a mãe [Lena] todo empolgado que sempre trabalhou com material, trabalhava bem, até, daí a esteira quebrava⁷⁰, demorava um dia, dois, uma semana pra consertar, ele saiu, que ganhava mais passando uma maconha, um papel... Esses dias fiquei sabendo que ele foi preso, foi pro submundo...”

⁶⁹ Nessa época a usina funcionava sob a gestão da Construfert e estive ali para realizar o estudo fotográfico que consta em Adametes (1999).

⁷⁰ A manutenção da esteira de triagem que, quando quebra, implica em brusca queda de produção e no retorno ao trabalho nos moldes da catação, é realizada com recursos do Daae - esta questão está problematizada a seguir.

A essa altura estávamos em frente ao antigo incinerador, uma área abandonada na época, mais distante da esteira de triagem; fizemos uma volta, nos afastando ainda mais, chegamos numa pequena estrada de terra, à esquerda a cerca que separa o aterro do canavial:

Aqui desse lado [aponta para o lado do canavial] ficava bastante gente com carroça, sacos para catar, aí quando vinham os guardas o pessoal saía correndo, dá pra ver nas cercas os buracos por onde o pessoal entrava e saía, isso aí vive aberto, fecha e o pessoal rompe novamente. A gente correu muito por esse canavial fugindo dos guardas, conhecia os caminhos aí no meio pra dar logo lá no Parque. [bairro Parque Residencial São Paulo] Enquanto eles ficavam ali olhando, o pessoal parava de catar, ficava batendo papo, as mulheres conversando, a molecada jogando bola...

Olho ao redor, depois em direção à usina já distante e percebo um espaço bastante diferente do que conheci no início da pesquisa, mais organizado, quase nenhum lixo exposto por aterrar, nenhum (a) catador (a) - pergunto a Felipe sobre os (as) catadores (as) que nunca estiveram na Acácia:

O pessoal tá aí vindo catar na madrugada... Vem gente que trabalhou aqui dentro também, agora tá lá fora por falta de pensamento mesmo, o pessoal não gosta de ter horário, acha melhor ter liberdade, mas não vê que é ilusão, que lá eles não têm nada e aqui é melhor, é uma iniciativa, rola ali um individualismo, mas se a pessoa não pensa, o pensamento é que nem uma roda de bicicleta, que roda, mas tem que pôr um óleo entendeu? Senão pára. Em relação à sua inserção na Acácia, que indago rapidamente, comenta: Acho que agora a gente tem acesso a outras coisas, hoje eu vou num banco, tem uma reunião, minha mãe se apronta e eu vou com ela... Deu também uma lição de trabalho em conjunto, já a gente vai num lugar, numa festa e conta a estória: 'eu sou da Associação de Catadores' e as pessoas ficam assim da gente já ter passado tanta coisa, eu com 19 anos, dão o maior valor. É

outra coisa, as pessoas nem podem imaginar o que é catar no lixão e a gente sai de mal visto.

Felipe diz com o orgulho alegre-triste com o qual guardamos as lembranças que nos fazem sermos o que somos, que conhece o lixão desde muito pequeno, quando sua mãe o levava, inicialmente, nos períodos em que estava desempregada e, mais tarde, com a frequência de quem assumia a catação como via de sustento principal. Andar pelo local é, para Felipe, lembrar e perceber pertencimento ao apresentar, com a segurança e a autoridade decorrentes desse sentimento de familiaridade, os espaços onde viveu a maior parte da sua vida e, nesse exercício, é pensar no quanto viveu, no quanto tudo mudou e não mudou:

Tinha muitas pessoas aqui, a gente vinha, eu e minha mãe vender gelinho [sorvete] aqui, às vezes eu ia procurar um brinquedo, pra criança, aqui tem de tudo, o que a gente acha no lixo e vai inventando! Pra trabalhar, faz uns seis anos que eu vinha aqui ajudar meu padrasto com alumínio, ele me comprou uma carroça e eu comecei a trabalhar. Meu padrasto, a família dele, que ele é filho da D. Divina, é das antigas, do povo que criou os filhos aqui... É o povo daqui, o povo do lixo. Então eu tenho isso aqui na memória desde que me conheço, entendeu? Tem uma galera também, o pessoal da minha idade, isso aqui é o nosso espaço, acontecia muita coisa aqui, o futebol, uma vivência! E hoje estamos aí depois de passar tanta coisa, tem agora essa Associação que tá fazendo história aqui na cidade de Araraquara... De volta a um ponto próximo à esteira de triagem, de onde podemos ver todos (as) trabalhando Felipe conclui: “Uma pessoa sozinha não faz nada, precisa do grupo, com ajuda, faz muito mais. Eles [aponta para o pessoal trabalhando] são heróis, são como os defensores, os guardiões do meio ambiente, o trabalho que eles fazem é pro planeta, limpar o mundo, separar material pra reciclar, defendendo a natureza... É importante ser reconhecido, porque se este povo aqui não faz isso, quem faz? É o mundo limpo pra você, pra nós, não é o que saiu quando estamparam o rosto do povo nas propagandas na cidade?”

Por ocasião da legalização da Acácia, *outdoors* na cidade anunciaram a boa nova trazendo em fotografias, das franjas e do invisível, os novos *agentes ambientais* em *novas imagens*, ao lado o símbolo da Associação, marca da nova Prefeitura: um resgate da cidadania anunciado (e por isso tão cobrado, reivindicado) na visibilidade das grandes imagens a gerar tantas expectativas, em alto e bom tom, mas fica aqui a reflexão: se eles (as) não fazem, quem faz? Catar lixo bruto, abrir saco de lixo em pé o dia inteiro é alternativa para quem? Mas 'ser reconhecido' é um primeiro passo - mas pelos mesmos tortuosos caminhos? Diante da cegueira social é importante a visibilização, ao mesmo tempo, que triste lugar comum dizer que gente é gente.

Sem ler e estudar "A. lei geral da acumulação" de Marx. Sem entender que a superpopulação relativa é um produto histórico, inevitável, do capitalismo. Sem refletir sobre a base material, concreta, da "crise do Estado" (o Estado não é autônomo e não é um setor, é um aparelho reprodutor da ideologia dominante, no caso a ideologia burguesa. Fazem parte do aparelho ideológico a escola, a universidade, a igreja etc.) Não é possível entender os limites dos esforços cooperativos. Quem vive de catar lixo? Um engenheiro? Um professor? (Texto de Luiz Felipe Gomes em conversa informal, por e-mail, dezembro de 2005)

De volta à narração dos fatos, a estes (as) catadores (as) - quem nunca se integrou à Acácia, quem lá já esteve, os mais jovens, os adultos -, se uniam diariamente no aterro outros (as) *novos* trabalhadores (as) que chegam da cidade e de Américo Brasiliense: "*Nosso lixo vem pra cá, nós também vem atrás!*" (Dinho, 34 anos, caderno de campo, novembro de 2004) "*(...) mas durmo do outro lado da estrada, entendeu?*" (Passa a semana dormindo em frente ao aterro em um barraco de plástico para no final de semana voltar de bicicleta, com dinheiro, à sua cidade, a 16 km de Araraquara). Pergunto a Lena, que está a meu lado no momento em que converso com Dinho, a respeito de quem saiu da Associação: por um lado, há quem "*(...) compre a idéia, acredite em si e em uma nova alternativa*", mas tem "*(...) aqueles que têm muito chão ainda, têm que largar os vícios, querer trabalhar na disciplina e isso é o mais difícil!*" (Ênfase realizada na fala)

Se dentro da associação há idas e voltas, instabilidades, do 'lado de fora', em detrimento dos esforços no sentido de controlar a circulação e o trabalho das pessoas no

aterro, houve/há sempre um drible, uma maneira de estar ali. Na época destas últimas observações em campo, era certo estar por perto (bem próxima à portaria da Acácia há uma entrada sem cerca para o depósito de lixo) por volta das 17 hs (horário em que os caminhões começam a chegar) e observar os (as) catadores (as) a pé, de bicicleta, carroças com seus sacos, badames, plásticos, para o improvisado dos barracos, a caminho do trabalho. Cumprimentando, e diziam: “*Quer ir ver nós catar lá em cima?*” (a catação acontece acima de um barranco formado pelo acúmulo de lixo aterrado diariamente) Pergunto se eles podem entrar, se o lixão não está fechado e ouço a resposta “*Tá vendo algum impedimento? Agora tá tranquilo*”. (caderno de campo, novembro de 2004, última observação de pesquisa realizada no aterro)⁷¹

3. Novos contextos: de volta ao campo de pesquisa

Retornei efetivamente ao trabalho empírico em outubro de 2003 à busca de informações em exercício de reinserção a um campo de pesquisa do qual me distanciei no início de 1999, quando a *Acácia* ainda era uma idéia incipiente: encontrei novos contextos a se sobreporem aos antigos conflitos, constituindo uma atmosfera de conhecidas questões tecidas de novos fios. Desta primeira vez em que estive no espaço depois da criação da Associação, ao ultrapassar a portaria, - estava à pé para caminhar pela estrada vicinal que circunda o aterro, na qual é comum encontrar catadores (as) com suas carroças e de onde é (era) possível avistá-los trabalhando - o forte cheiro e a imagem apreendida me remeteram à primeira vez no lixão: eram montes de lixo num lamaçal de terra e chorume à catação por cerca de 30 pessoas, todas (as) por mim desconhecidas. Diante da minha estranheza, Sandra (31 anos) interrompeu seu trabalho e dali me perguntou: “*Tá procurando alguma coisa?*” Disse que não, pedi desculpas e fui em direção à esteira de triagem próximo de onde outro grupo, dos (as) catadores (as) associados (as) à Acácia, trabalhava em situação similar, a esteira parada.

⁷¹ Os barracos eram improvisados em meio ao canal ou do lado oposto da estrada que circunda o local: a catação acontecia durante a noite, às vezes atravessava a madrugada: depois de selecionado o material ficava guardado próximo ao barraco para antes do amanhecer ser carregado para fora dos limites do depósito. Homens e mulheres, muitas vezes crianças faziam esse horário. Muitas pessoas passavam a semana neste ritmo, outras escolhiam dias de acordo com a necessidade: havia quem trabalhasse com mais constância, os que viviam/vivem o imediato, havia de tudo no lixão, palco onde transitam diversos atores, espaços de muitas histórias.

D. Lurdes veio ao meu encontro, o cabelo comprido com umas tranças postiças, pulseiras e colares, alegre, foi assim que, eu feliz, a reencontrei anos depois de conversas tristes nos tempos difíceis de despejo, o que me fez pensar - confusa ainda por ver aquele cenário - que alguma coisa havia mudado; nos sentamos para conversar, já era fim de tarde e logo mais a acompanharia até sua casa. Fui assim reinserida e apresentada aos novos fatos: a esteira 'estava parada' há quase um mês, por conta de uma reforma iniciada pelo Daae, com previsão de reativação até o final daquele ano, por isso o lixo estava sendo despejado naquele local para ser selecionado "*igual era no lixão só que pior, porque aqui tem horário*" (D. Lurdes) e as 30 pessoas que havia visto próximas à portaria compunham o grupo da chamada 'nova associação'. A partir da compreensão desses dois fatos - a reforma da esteira e a presença, no mesmo espaço, de um novo grupo aparentemente independente, lançam-se uma série de informações e questões a compor um novo contexto, esse segundo momento de pesquisa demarcado por diferentes relações entre o poder público e a *sociedade do lixo* (Luciano, Secretaria de Desenvolvimento Social, um dos órgãos públicos envolvidos, na época, no processo, fevereiro de 2004 em referência à ampla questão do lixo no município).

Associados ao percurso de pesquisa trilhado, os relatos e os estudos de campo reunidos neste período entre outubro de 2003 e novembro de 2004 e, mais tarde, entre novembro e dezembro de 2005, descrevem e indicam questões elucidativas a respeito da elaboração da Acácia - nesta trajetória percorrida por um caminho constituído a partir das diversas dinâmicas estabelecidas entre o poder público e os (as) associados (as) - a revelar seus processos internos, os pontos de vista e os fazeres do (as) trabalhadores (as) a respeito das transições em curso. Esses elementos, por sua vez, delineiam seu *lugar social* em termos institucionais e dos seus significados simbólicos enquanto alternativa de inserção, de resignificação das condições sociais e, ao mesmo tempo, como estratégia e alternativa políticas para o equacionamento das questões da pobreza e da exclusão.

Os dois primeiros anos de funcionamento da Associação estiveram no foco dos olhares políticos: considerada uma vitória na luta contra a exclusão a figurar na mídia através de fotografias e matérias de jornal, a Acácia apenas estaria iniciando um longo processo de elaboração como uma iniciativa fundamentada nos princípios - então

desconhecidos, não vivenciados, não apresentados - da coletividade com base na imperativa elaboração de novos aprendizados em meio a fortes expectativas é à apreensão experimentada nos desafios impostos pelas mudanças impressas na relação com o trabalho em seus novos moldes. O ano de 2001 esteve marcado pelo impacto da abertura, para os (as) ex-catadores (as), deste outro universo e consistiu num período de adaptação a uma nova situação que consistiu, até abril do próximo ano, na atividade de preparação do lixo já triado na esteira por outros (as) trabalhadores (as) (a maioria sem histórico de catação no lixão) que estavam sob contrato com a empresa de limpeza pública Leão-Leão, então responsável pela coleta no município, gestão do aterro e da usina.

A Acácia consistia, naquele momento, em um grupo de cerca de 30 pessoas trabalhando numa situação indefinida em relação ao seu 'novo lugar social' - denominado e anunciado *inclusivo* -, ao espaço, à estrutura, à relação com a empresa gestora com a qual se estabelecera um acordo não formalizado burocraticamente para a execução da atividade de separação de material. Assim, havia apenas poucos traços, insuficientes para delinear os contornos de uma iniciativa associativa; o desenho mais definido ficaria, em 2002, a cargo do apoio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, sob a gestão de Luciano:

O Edinho já tinha entrado e feito todo o processo e agente entrou para fazer uns cadastros, um questionário sócio-econômico para ver quantas pessoas tinham na família, se tinha agregado, assim. O curioso na época é que ninguém, a maioria das pessoas não tinha, não sabiam a data do aniversário, eles não tinham documento, o Ivan por exemplo, era um menino que não sabia nem quantos anos ele tinha e eu fiquei encarregada na época de ver isso (...), fomos atrás dos documentos das pessoas. (Yara, estagiária em 2002 na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, gravador, março de 2004)

O levantamento dos dados pessoais e a regularização dos documentos dos (as) trabalhadores (as) eram os primeiros passos para a elaboração da idéia inicial de uma cooperativa e, diante da urgência de estabilização da situação irregular de trabalho em curso, o processo se consolida na verticalidade das relações. As primeiras decisões partem, então, da Secretaria de Desenvolvimento para depois serem levadas à discussão,

movimento que gerou uma série de tensões e disputas com os (as) trabalhadores (as) da futura Acácia. Os conflitos foram acirrados pelo fato de que, paralelamente a essa questão da elaboração associativa em curso - que, por si, já envolvia grandes desafios - articulava-se a formação dos já referidos *Ecopontos*, com catadores (as) de lixo de rua que, unidos à Acácia, comporiam um projeto mais amplo integrando coleta seletiva de lixo domiciliar com o trabalho de preparação e venda do material através da usina, aos moldes do atual *Projeto de Coleta Seletiva Solidária*:

(...) formar uma Associação era menos burocrático, então o Luciano pegou o modelo de vários estatutos de outras associações e formou as Comissões pra discutir um estatuto que nós acabamos fazendo. (...) O Luciano pegou o pessoal de lá que já estudava, a Tháís, o Felipe, o Marcos, que eram pessoas que sabiam ler e escrever, iam nas reuniões na Secretaria, porque junto com o pessoal lá da usina tava sendo formado também o Ecoponto, na verdade a idéia da Prefeitura era fazer uma coisa unificada, tanto que eles coletavam material aqui na 14 [rua na qual se localiza o espaço utilizado pelo antigo Ecoponto] e levavam pra usina, daí o pessoal lá da Associação prensava, vendia o material pra eles e o dinheiro era repassado. Eles trabalharam assim por um tempo, um ano, depois se dissociaram porque dava muita briga, os grupos são bem diferentes. (Yara, março, 2004)

Num processo pouco dimensionado - tanto pelo desconhecimento do universo dos /as catadores/as do lixão e das ruas em suas reais demandas e modos de vida, que representava um campo desconhecido, figurado em negativo, quanto pela falta de experiência e preparo profissional da Secretaria de Desenvolvimento - inicia-se/impõe-se um amplo projeto pouco estruturado envolvendo, com a finalidade de constituir parceria numa linguagem solidária pautada no primado do coletivo, grupos não consolidados, despreparados em relação à experiência associativa e desconhecidos entre si com trajetórias, modos de trabalho-vida e interesses diversos, ambos caracterizados pela *prática individual*, invisível, 'errante' da catação.

Sob essa tensão, até o final daquele ano a Acácia se constituiria uma Associação, incorporando alguns dos trabalhadores que já estavam na esteira sob a gestão da Leão-

Leão, que é assumida pelo Daae, como já foi referido. Em junho de 2003 é lançado oficialmente um Programa de Coleta Seletiva em alguns bairros, mas o projeto permanece por pouco tempo, por falta de infra-estrutura e planejamento: “(...) a gente ficou meio que jogado pras traças e ficou aquela coisa, porque ninguém queria tomar conta, coleta seletiva é o Desenvolvimento Econômico, tantos gestores, nenhum deu certo”. (Lena, caderno de campo, outubro de 2003). Os Ecopontos (ativados em 2001) continuaram funcionando com cerca de 13 pessoas de forma precária pelos mesmos motivos, em parceria com a Acácia até o final do ano e independentemente até 2005, quando é incorporado ao atual Programa de Coleta Seletiva Solidária:

Quando começou em 2001 a coleta seletiva com os Ecopontos, eu já tinha alertado o Edinho, que não teve nada, não teve participação da população, depois foi desativado (...). Coleta seletiva tem que pôr dinheiro, se não puser dinheiro, achar que o mundo vai tomar consciência sozinho, você quebra a cara. Por exemplo, por que acabou a coleta seletiva lá no Carmo? Acabou porque ninguém investiu em nada, quebrava o caminhão e não coletava. Pra população não tem furo maior (...). (Cyro, dezembro, 2005)

A investigação dos meandros desse processo de constituição da Acácia em meio ao campo descrito de demandas, desafios e ações políticas realizadas com base numa vontade e numa pressa e muito ampliadas e carentes de planejamento, revela relações de poder que vão demarcar, desde então, um lugar de dependência da Associação em relação ao poder público. O projeto associativo passa, nessa cadência e diante de diversos desafios, a estar sob a tutela e um forte controle exercido por parte da Secretaria de Desenvolvimento Social, através da figura de Luciano que acaba por centralizar decisões, gerando imposições e disputas com os (as) catadores (as) que, na contrapartida, acirram resistências. Perde-se, assim, o caráter de coletividade - que quer ser impressa à força e às pressas - e se assume uma autoria: a Associação Acácia passa a ser compreendida como um projeto da ‘Prefeitura’:

Teve vários conflitos nessa época porque o Luciano acabou levando aquilo muito sozinho (...). Por exemplo, o Fausto e Vanessa [então estagiários da Prefeitura] começaram a dar aula lá (...) e o Luciano gostaria que as aulas fossem na hora do almoço, sabe, a coisa se atropelava muito, levava a discussão pra eles, mas quem acabava sempre decidindo era a Prefeitura. E eles resistiam muito em freqüentar as aulas porque tinha gente ali mais velha, que nunca tinha ido à escola e ele colocou isso no projeto e queria tornar obrigatórias as aulas na hora do almoço e eles não queriam nem freqüentar... E ele queria exigir, falava que quem não participasse tava fora do projeto, então tinha uma pressão (...). (Yara, março, 2004)

A análise do desenvolvimento posterior desses movimentos demonstra que, antes de instituir qualquer ação mais ampla, tratava-se de sedimentar o processo associativo da Acácia, criar um sentido de coletividade para a definição dos lugares tendo em vista que, para os (as) catadores (as) era necessário um período de aprendizagem, de formação que acabou ocorrendo a duras penas, em meio a relações estabelecidas de maneira viciosa. Não restam dúvidas de que, naquele momento inicial, emergiram questões seriíssimas a serem assumidas, discutidas e trabalhadas a figurar como entraves para as ações. Ao mesmo tempo estas questões vêm como denúncia dos mecanismos que produzem a pobreza, revelada numa significativa incidência de alcoolismo, utilização de outras drogas e principalmente por conta disso, a ocorrência de infrações como furtos e roubos com maior dimensão - problemas acirrados em seu equacionamento, pela característica familiar das relações. Tudo isso fazia/faz com que a formação e consolidação da Acácia em moldes solidários faça aflorar contradições e constitua, por isso, um grande desafio que necessita de um olhar reorientado para o sentido estrutural das questões e para a necessidade de um projeto integrado, assumido politicamente em escala ampla e conjunta: nesse sentido, acreditamos na importância do resgate das trajetórias que funciona como denúncia dos processos históricos e políticos, para revelar reais necessidades no dimensionamento de possíveis soluções.

3.1 Elementos complicadores: a esteira parada e a 'nova associação'

O período de quase um ano, compreendido entre os últimos meses de 2003 e julho de 2004, foi o mais desafiante vivenciado pela Acácia em meio às questões apresentadas: sob a gestão do Daae, o aterro passa por uma reformulação em relação ao espaço físico e ao tratamento do lixo e a esteira é desativada para ser ampliada, fato que significa que o trabalho volta a ser realizado aos moldes da catação no lixão, mas sob os ritmos, disciplina e horários da Associação, implicando em precariedade, baixa produtividade e pouco retorno econômico - a redução sobre a renda, que girava em torno de R\$ 495,00/mês chega a 50% - o que remete, para os (as) trabalhadores (as), à questão da coletividade. A insatisfação e o desânimo se intensificam à medida que o tempo passa e as evasões - que nunca cessaram - atingem sua maior incidência; entre trabalhar na usina sob as condições expostas e no lixão, o voto acaba sendo, em grande parte, pela *liberdade*:

Com a esteira facilita – a gente junta material mais rápido, só que esse tempo que ela tá parada é duro demais! Você viu, que chega lá, o povo cansado, debaixo daquele sol, e quando chove? Recebendo pouco, muitos quiseram voltar pro lixo, muitos até foram e tão indo, porque lá eles dizem que pelo menos tem aquela liberdade, aquela vida, né? Eu fico aqui mesmo, que essa Acácia também foi uma luta pra conseguir! E lá fora tá cada vez mais difícil de trabalhar, com os guardas e o melhor lixo, do caminhão do centro da cidade vai pra Usina. Tá difícil no lixão.
(D. Rosalina, gravador, maio, 2004)

A falta de autonomia da Acácia em relação à usina fica clara naquele momento, pautada por uma dependência econômica que se estende para outros campos. Ao buscar providências em outras instâncias do poder público diante da demora do acionamento da esteira - que deveria voltar a funcionar até o final de 2003 -, a Associação depara com o fato de não haver acordo legal entre as partes, fato que lança à indefinição os respectivos lugares institucionais e as responsabilidades, as contrapartidas. Estavam interdidas, portanto, vias de reivindicação e a única alternativa era persistir e esperar; essa situação deixou exposta a instabilidade institucional da Associação aos (as) trabalhadores (as) para

os (as) quais é complicado definir o lugar social da Acácia e, conseqüentemente, *seu* lugar social, operando sentimentos de insegurança e instabilidade:

Aqui não tem nada certo, não tem nenhuma garantia da Acácia, a gente não tem nada com essa usina - se amanhã muda o governo, não tem nada pra garantir que a gente tem direito de ficar aqui e direito até sobre esse lixo que tá sendo despejado aí, então a situação é essa e tá difícil até de construir, né, essa imagem de associado agora com a esteira desse jeito, todo mundo virou catador de lixo outra vez. (Lena, gravador, na Usina, março, 2004)

Esses sentimentos estão, no entanto, constantemente balizados por garantias inscritas nos discursos políticos numa resposta que busca a confiabilidade, reafirma expectativas e se compromete a cada momento de crise com o projeto, demarcando o lugar do Poder público no processo - um lugar de tutor-protetor muito forte que sustenta a persistência exercitada pela falta total de perspectivas:

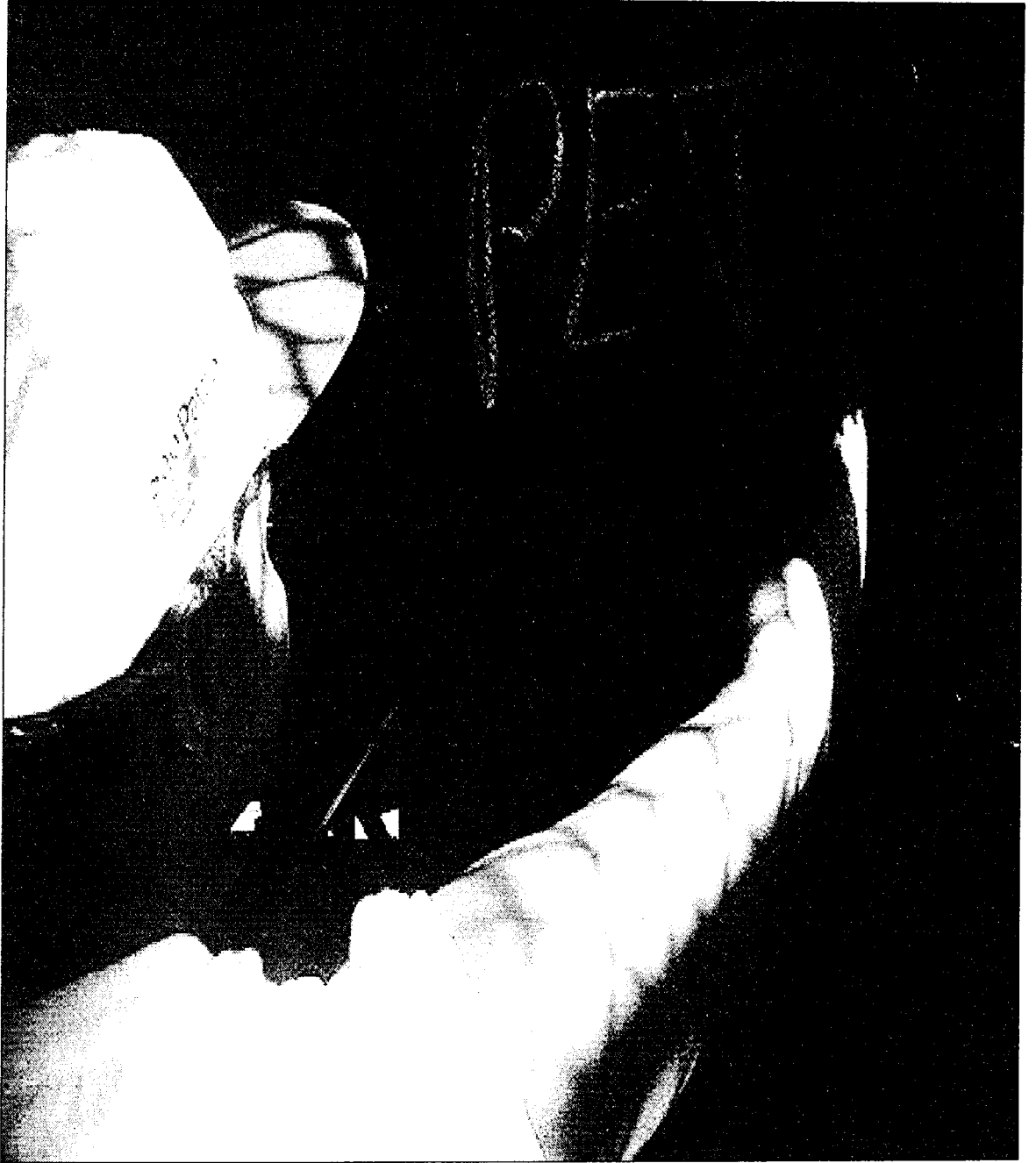
Garantia nenhuma a gente não tem, mas o Luciano falou que a Associação nunca vai parar de existir, acabar, pode mudar as pessoas, mas não vai acabar e eu desejo que não acabe, que a Usina já empregou muita gente, é emprego pra quem não consegue lá fora e pra gente aqui de dentro, que não tem mais pra onde ir... (D. Rosalina, gravador, fevereiro, 2004)

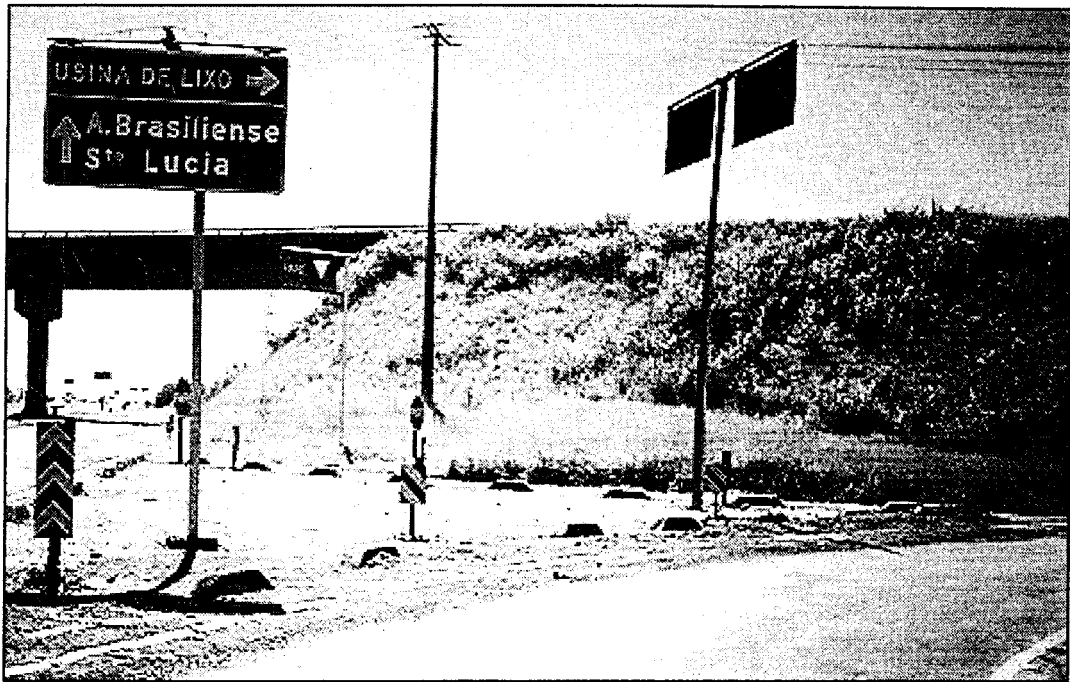
(...) nós temos mais 4 anos pra fazer ele [refere-se ao projeto da Associação acácia] virar uma pilastra de concreto que nem com dinamite, quem for contra vai mexer nele, essa é a nossa tarefa agora, que o futuro, ninguém sabe como vai ser. Esses 4 anos agora nós vamos enfiar um pilar de concreto com 30 metros pra baixo e uma dimensão tão grande que mesmo se o nosso pior adversário ganhar um dia o governo de Araraquara, nesse projeto ele não tem condições de mexer, então é a nossa hora, a nossa vez de mostrar que esse projeto veio pra ficar, pra ser sólido, pra ser instrumento de construção da cidadania. (Edinho, gravador, trecho do discurso realizado por ocasião do 3º aniversário da Acácia, novembro de 2004)

Paralelamente a essas questões, a catação no lixão prossegue ao longo de todos os anos e a situação referida no início desse capítulo tem correspondência direta com esse período em que a esteira esteve parada: a precariedade reinstituída passa a justificar o retorno e a presença de pessoas à catação - ouvi das pessoas mais jovens que a Acácia não tinha futuro, que estava abandonada e, por isso, permaneciam no lixão. No final de 2003 um grupo com cerca de 50 pessoas (ex-associados/as, desempregados, catadores/as) se reúne no aterro para catar lixo de madrugada, no costumeiro drible da vigilância. Diante das ocorrências e diversos conflitos, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico intervém e propõe retirá-los dali para trabalharem independentemente da Acácia, numa nova formação associativa, no mesmo local - com essa imagem deparei ao retornar ao espaço da Usina. Em difíceis negociações, esse grupo se uniria, em alguns meses, à Associação, mas dividindo os rendimentos em partes separadas para, somente em finais de 2004 haver uma unificação que implicou em novas evasões.

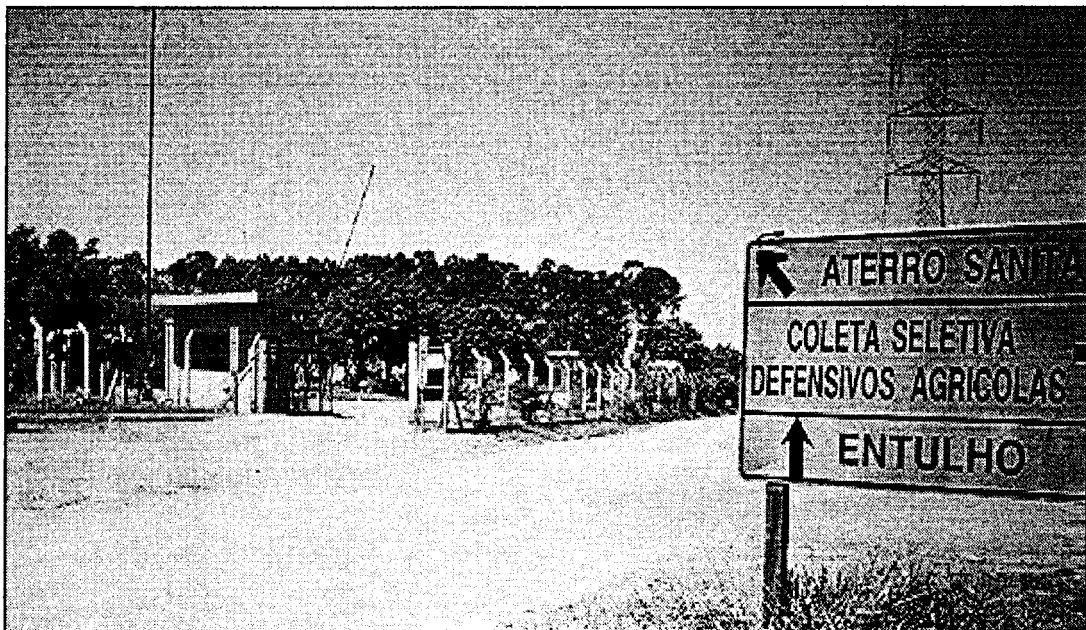
O seguinte trecho de conversa com Sandra⁷², responsável temporariamente pela *liderança* desse segundo grupo, aos moldes do que Lena representou/representa para a Acácia em termos de protagonismo (ao imaginário desta liderança neste universo está associado poder, pertencimento, questionamento do lugar do outro), ilustra esse momento e traz questões a respeito das relações entre catadores (as) e poder público, entre os dois grupos de trabalhadores (as) e entre os (as) próprios associados (as) à Acácia, a desvendar meandros que complementam nossa compreensão a respeito da elaboração das trajetórias e resistências implicadas no complexo processo apresentado neste texto. As relações assim reveladas respondem a entraves encontrados no momento atual de implantação de um projeto mais amplo de Coleta Seletiva discutido no próximo capítulo a indicarem, por sua vez, antigas falhas e possíveis acertos na reorientação desta caminhada.

⁷² Realizada em sua casa, com gravador.

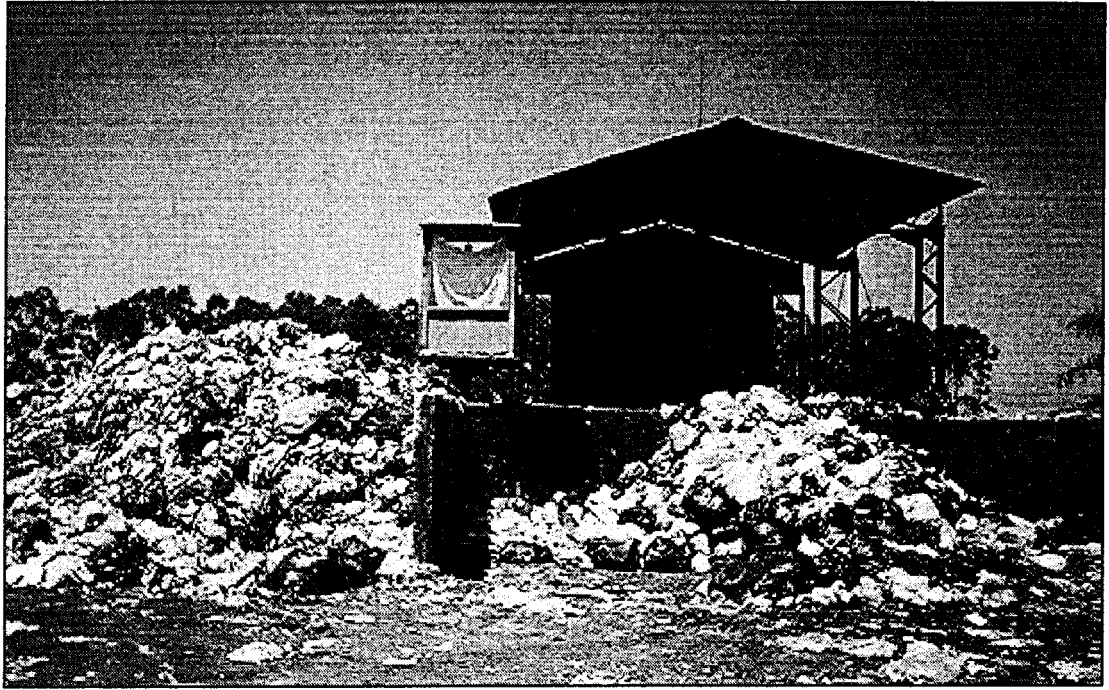




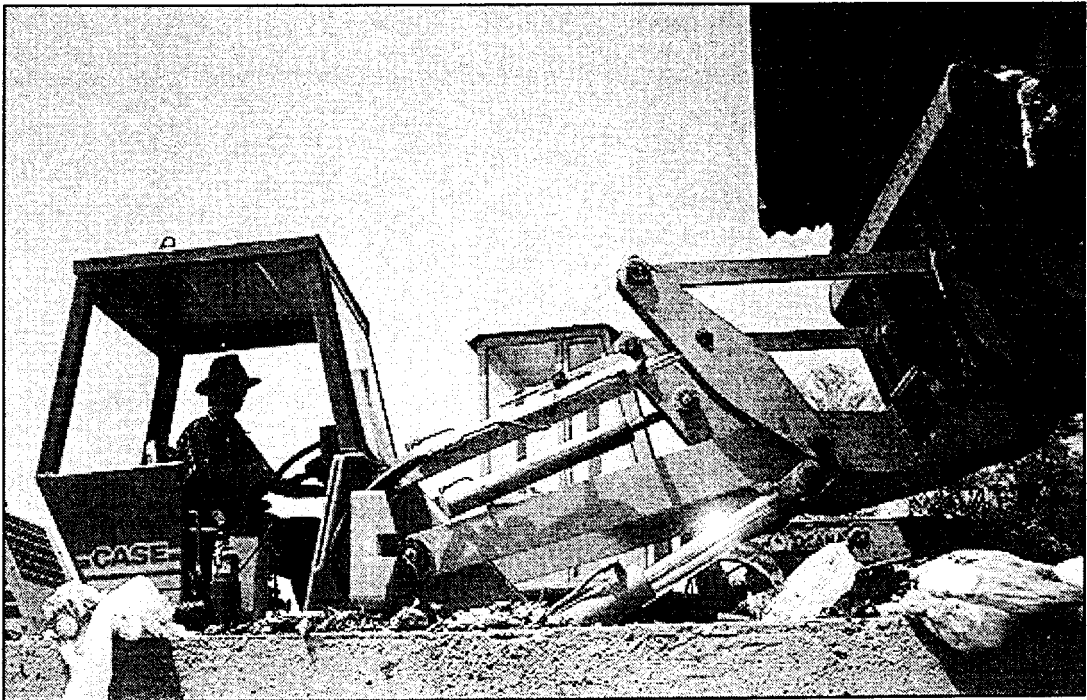
1. Entrada para a vicinal



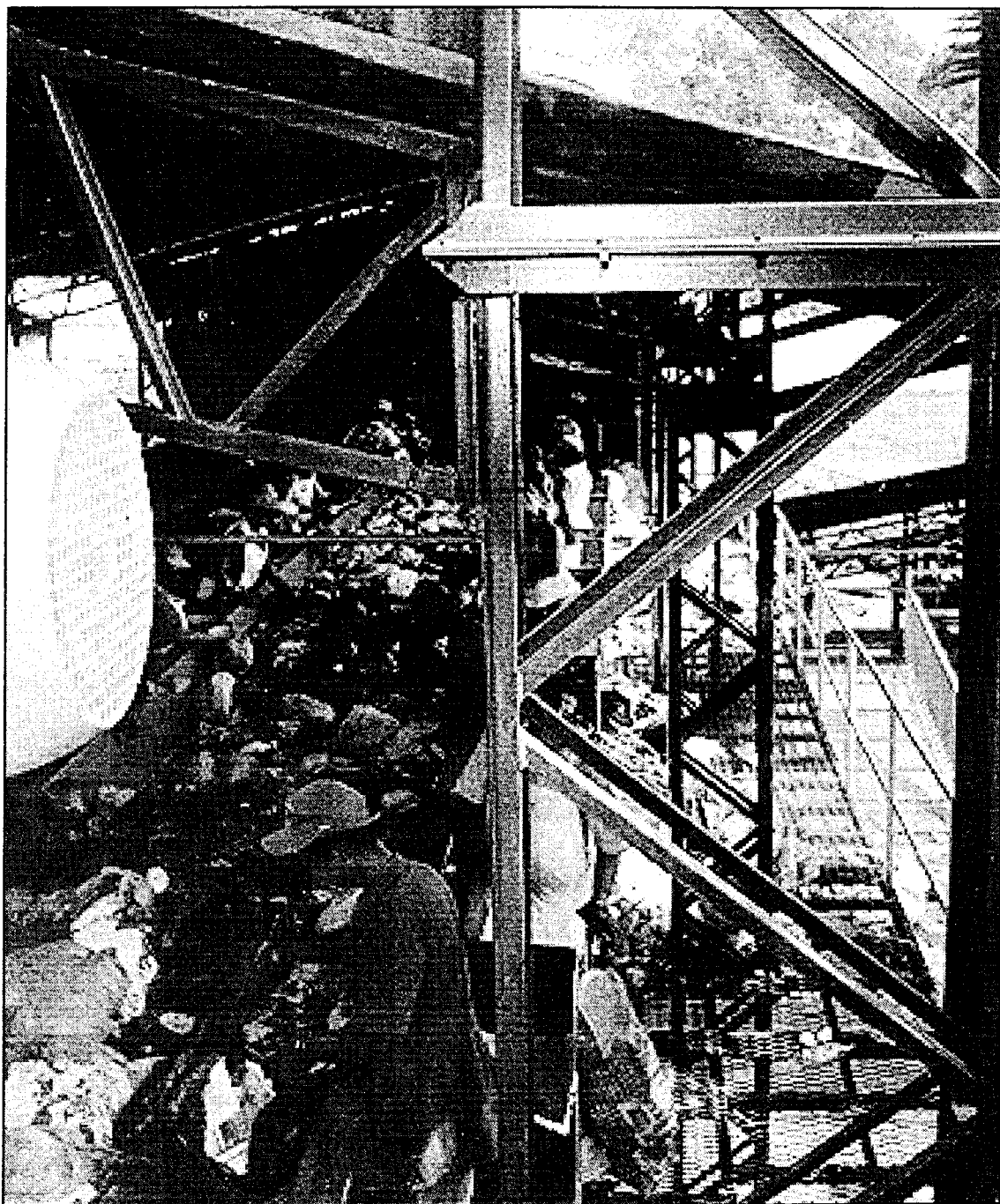
2. Portaria da Usina



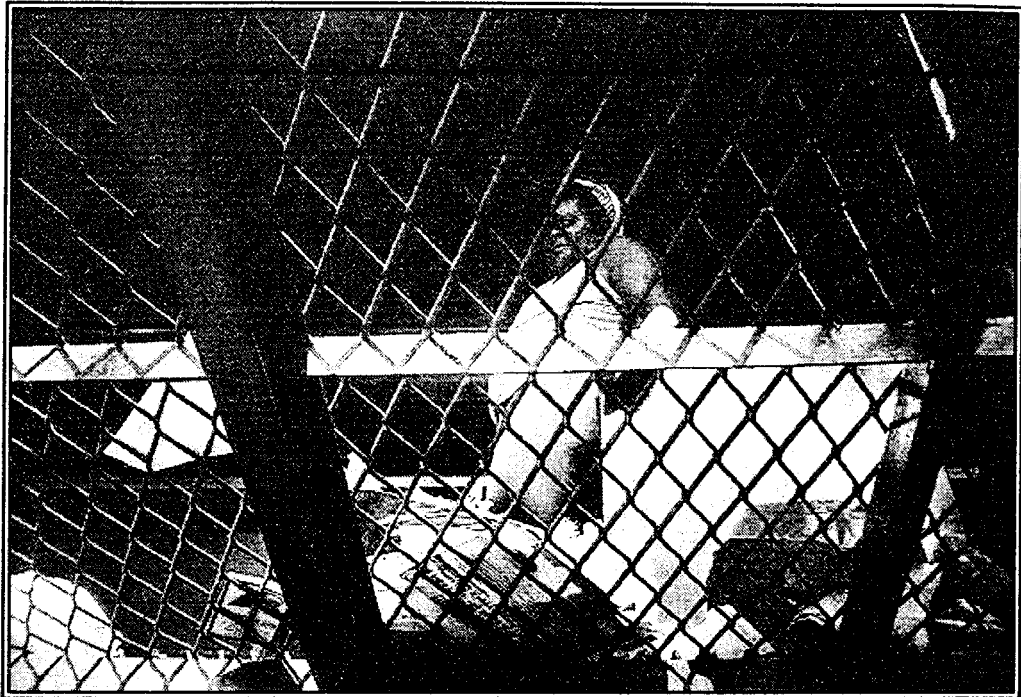
3. 'Boca' da esteira de triagem



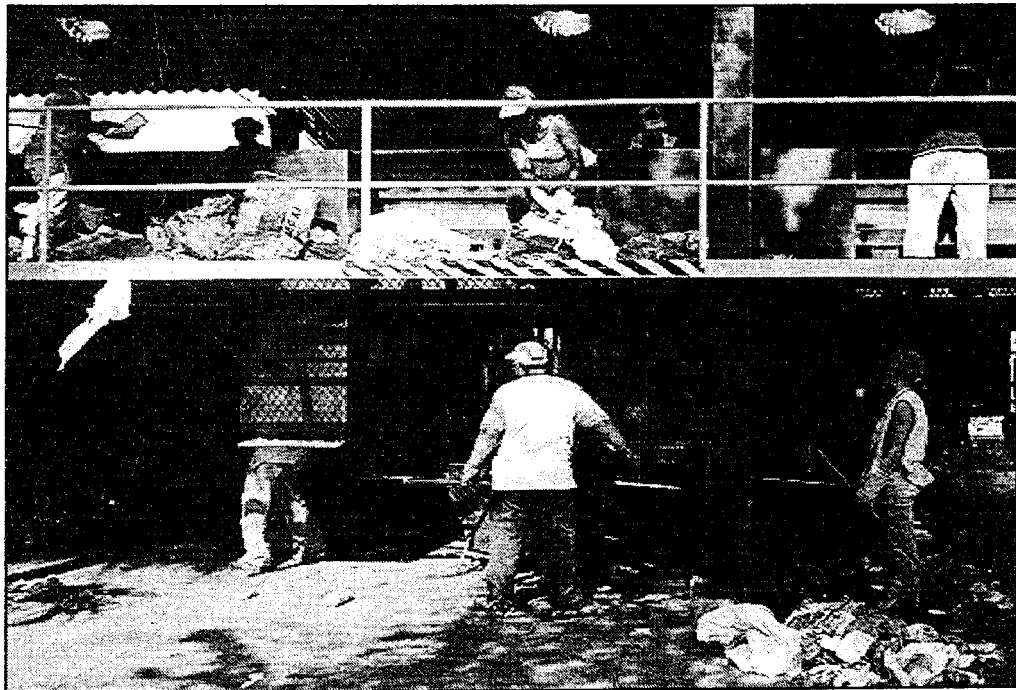
4. Funcionário da empresa *Leão Ambiental* operando a 'motocana'



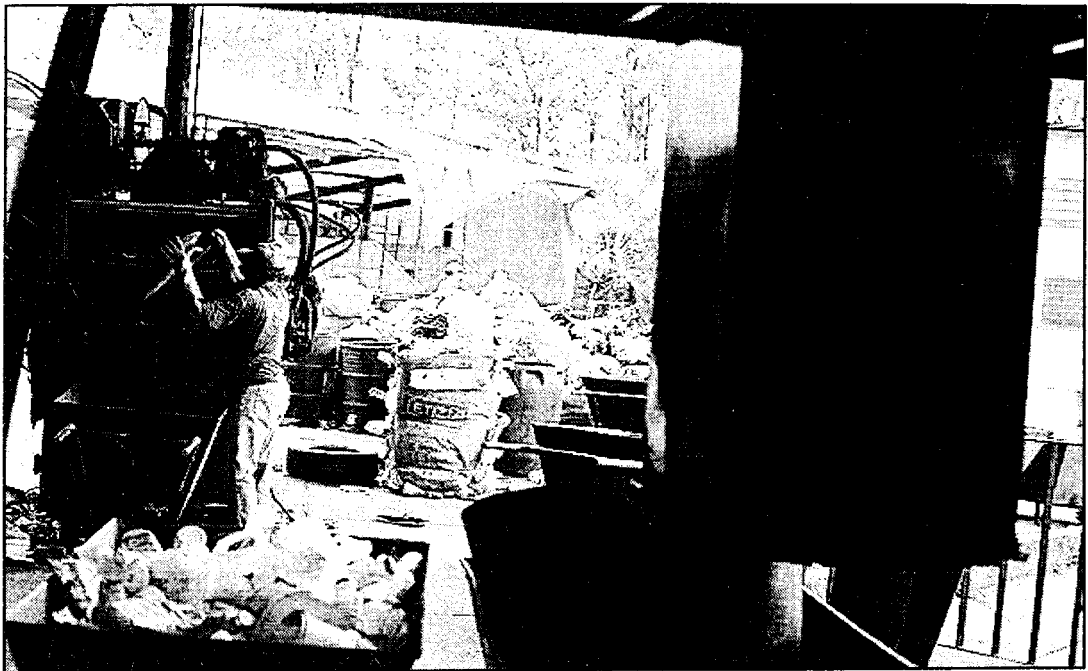
5.Trabalhadores (as) à esteira de triagem: abertura dos sacos plásticos



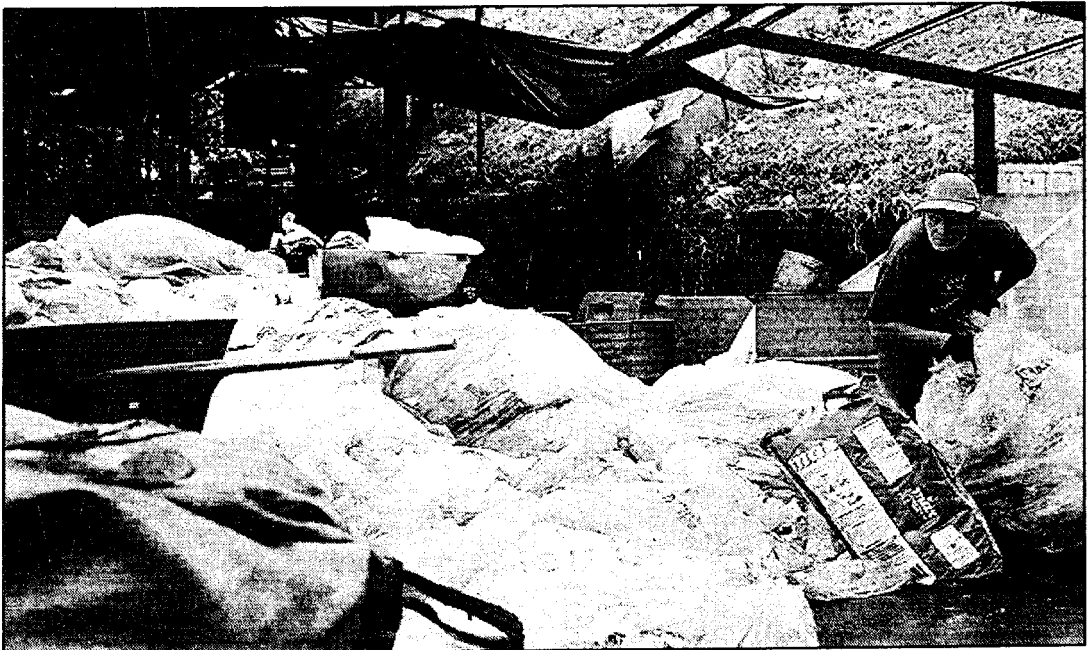
6. Esteira de triagem: trabalho na parte superior



7. Esteira de triagem: os dois patamares



8. Trabalho de prensagem do material



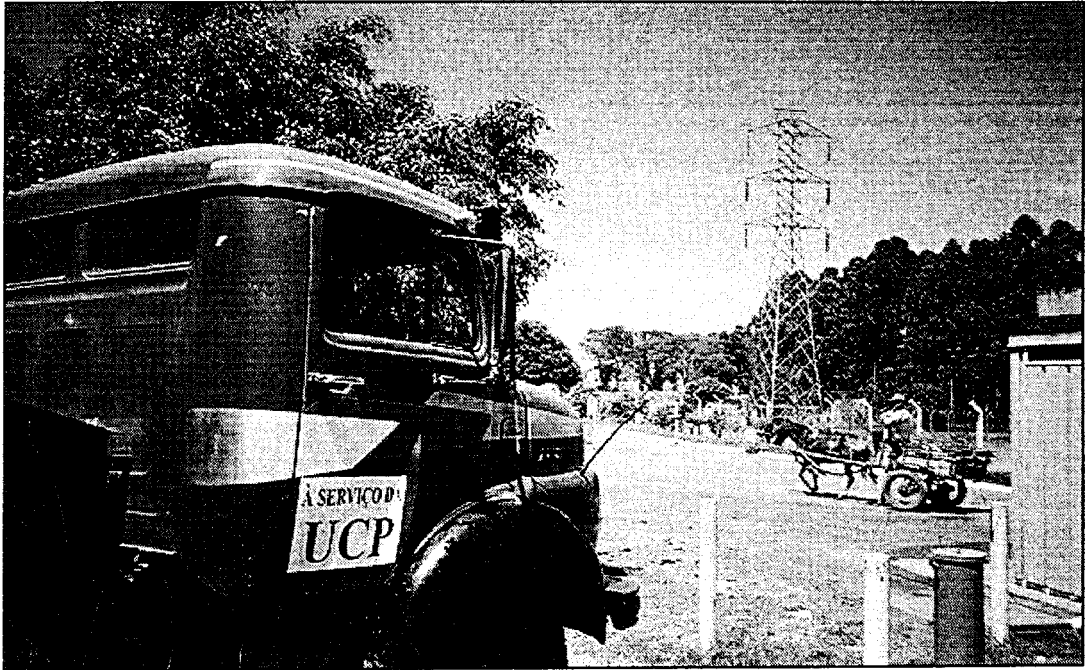
9. Organização do material por ocasião da reforma da esteira



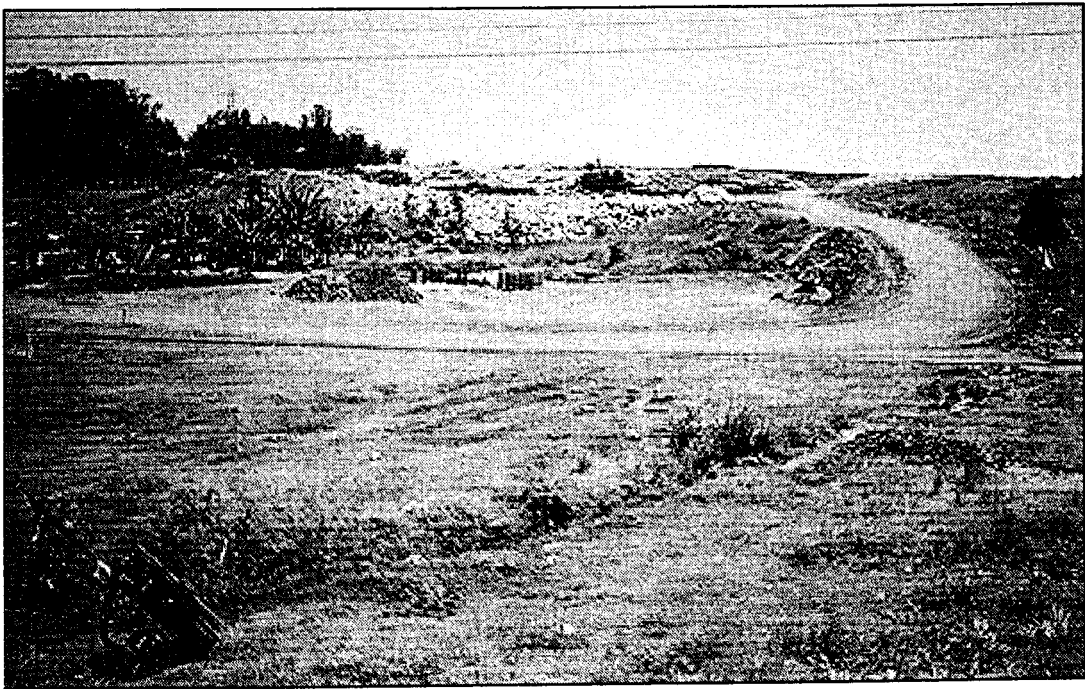
10. Venda de material: trabalho de carregamento



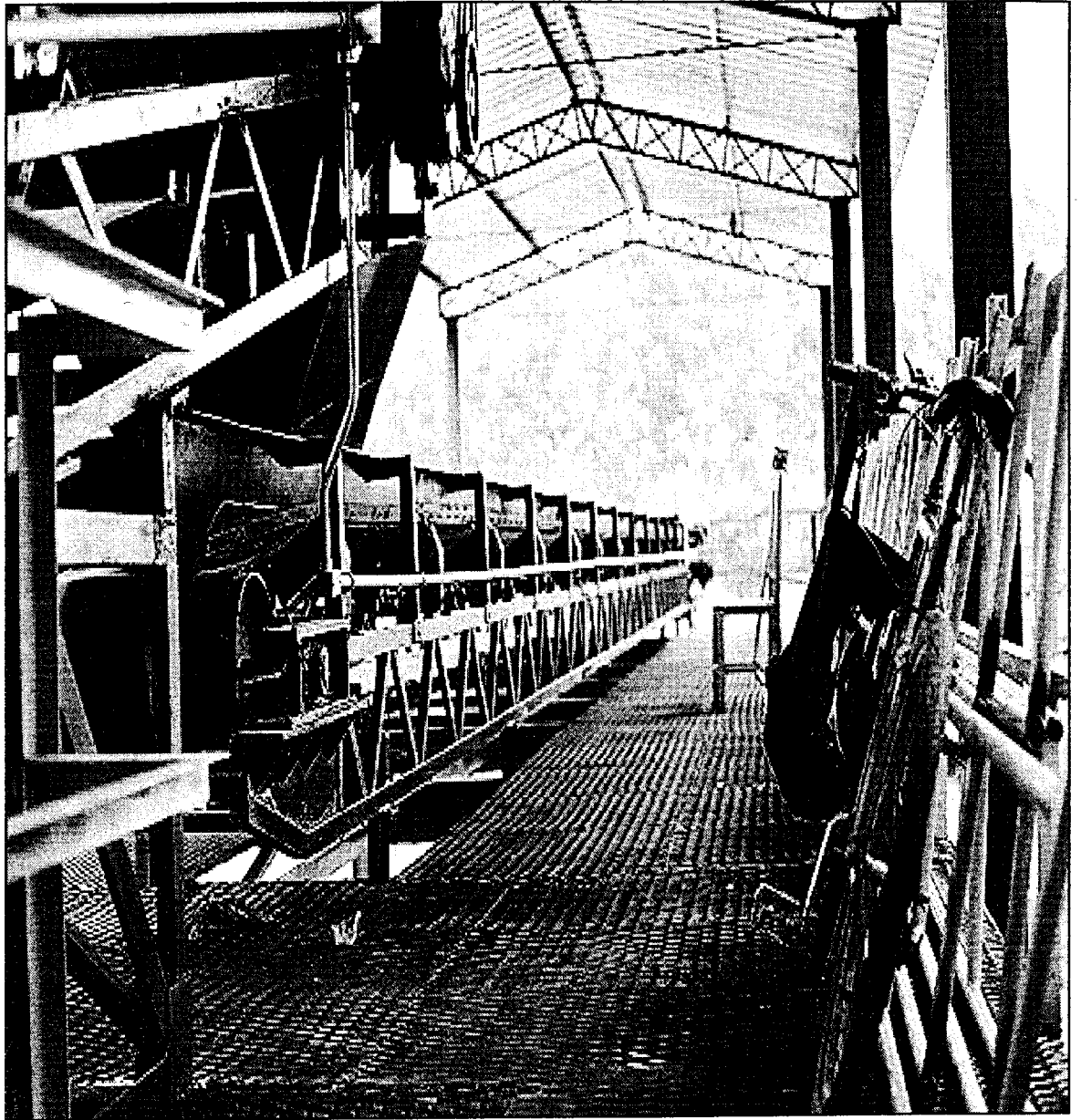
11. Ao fundo: a usina



12. Acesso ao aterro



13. Aterro



14. Esteira de triagem: em reforma

3.2 Sandra

A liderança

maio, 2004:

“Eu pretendo liderar a associação”

Sandra, 31 anos, mãe de Jonatan, 8 anos, nasceu em Corumbá, MS e em 1994 foi trabalhar em uma casa de estudantes como faxineira e cozinheira em Ribeirão Preto, onde ficou por 6 anos - ali conheceu uma amiga que lhe apresentou Juvenal, seu marido. Em 2000 Juvenal quis voltar para Araraquara onde vivia sua mãe que, ex-trabalhadora rural, também era catadora de lixo. Foi morar com a sogra, no bairro Parque Residencial São Paulo, mas ‘não se dava com ela’, por esse motivo se mudaram para a casa dos irmãos de Juvenal que *“tinham vergonha de catar lixo, não iam”*. Trabalhou com o marido inicialmente ‘na laranja e na cana’ e com a sogra, com carrinho de mão catando lixo na rua e, no ano seguinte, assumiu uma vaga através da Frente de Trabalho [Via de indicação de postos de trabalho pelo período de um ano] na CTA [Companhia de Transportes Públicos] ‘para capinar os jardins’ e fazer faxina. Depois desse ano, diante do desemprego e também por ‘curiosidade’ foi ao lixão *“ver ‘se arrumava alguma roupa ou coisa assim”*:

“O povo lá do lixão, mais antigo, trabalha bem mais”

Aqui, quando eu cheguei, vi lá em cima os barracos, cada um com seu carrinho, era diferente, achei que era um monte e todo mundo catando junto (...) Nessa primeira vez fui com a minha vizinha que tinha uma irmã que trabalhava lá. Tava com fome e me ofereceram uma sopa e eu tomei, depois me arrependi, que eu comecei a trabalhar e vi que era de lá.

- Você trabalhava que horas? De dia?

Eu trabalhava das 5 às 6 da tarde e eles varavam a noite, eles dormem lá por causa da moenda [caminhão de coleta de lixo], eles jogam moenda, as melhores moendas é as da noite, aí eles jogam pra nós lá na 9 e pra eles jogam 3, aí se for esperar pra vir da manhã, o caminhão às 7 horas entra e já empurra e quem dorme no lixo consegue catar mais material, aí eles ficam lá esperando a moenda da noite. Daí que nós viemos tudo, aquela

revolução toda que teve, nós fomos lá pra baixo [para a Usina, em um espaço distante da esteira].

- Essa revolução, como foi?

A Leão [Leão Ambiental] não permitia que a gente ficasse lá, falou que não podia por causa que seu Pedro que deixa, que era bonzinho e deixava todo mundo entrar saiu de férias e o outro rapaz que entrou no lugar dele [vigia] não queria ninguém no aterro, aí veio a polícia falar que nós não era mais obrigados a ficar lá, aí foi atrás do o Luciano e ele falou com a Lena... E a gente falou: "Nós temos que catar, nós vai invadir!" Aí, por causa que o povo que era lá era bastante, cinquenta e poucas pessoas, o povo de Américo, que tem muito funcionário de Américo lá. Aí o Luciano falou com a Acácia, a Acácia não aceitou.

- Por que a Acácia não aceitou?

Porque nós queremos 2 turnos, nós e o pessoal da D. Lurdes [refere-se a alguns netos de D. Lurdes que compunham esse grupo novo] sempre quisemos 2 turnos. Aí veio falar que não tinha possibilidade, veio o Luciano, aí ele falou com a Lena, não sei que rolou que deu, tá igual o jeito que tá agora [os dois grupos unidos, mas com muitas evasões].

- Mas por que 2 turnos?

Trabalha de manhã e de noite, aí reveza, na Acácia, mas não trabalhando de equipe, porque eles [o novo grupo] acham que a Acácia não trabalha igual eles.

- E esse nome de Revolução?

Não, eles falam, né, que deu, porque deu atritos, né, a polícia veio e eles ficavam nervosos e eu como era novata, não sabia de nada, pra mim era revolução, tudo diferente, aí eu também dava as idéias, falava "ah, vamos entra lá, né, todo mundo desempregado!", tava precisando, aí nós fomos tudo lá, aí o Luciano foi, colocou nós lá, acho que 44, nós ficamos lá trabalhando, só não deu certo por causa dos líderes.

- Mas aí eles puseram vocês lá na Acácia?

Não, na nova associação, só que dividido, nós ficamos lá naquelas casinhas de quando a Acácia entrou [guaritas próximas à portaria], nós ficamos lá, 45 nós éramos. Então, nós catava e ficava ali do outro lado do pátio da Acácia.

- E era uma nova associação... Quem era da Acácia nessa época?

Era os mesmos: a Rose, a cunhada, a D. Lurdes, D. Maria, que era da Construfert, seu Toninho [trabalha nas prensas], a Regiane [filha de D. Divina], Seu Antônio, Leandro [neto de D. Divina], todos esses. E os que saíram, saiu o Branco, saiu o Cid, o Carlos... Eles entraram tudo com a gente lá, só que são viciados, né, aí como o Renato não teve cabeça... Ele era uma liderança, o Luciano indicou ele.

- Quem era da nova que tá na Acácia?

A D. Mara... Aí saíram o Cid e o Tonhão, o Branco [Tonhão é filho de D. Divina, Cid e Branco pertencem à família de D. Lurdes] saíram da Acácia e foram pro lixão, aí quando entrou a nova associação eles entraram de novo, aí depois acabou a nova associação e eles estão no aterro de novo. O povo lá do lixão, mais antigo, trabalha bem mais, por que eles têm mais força de vontade, eu acho, que 50 que estão lá no aterro eles têm mais força de vontade. Lá são 50 pessoas agora, incluindo Américo e Araraquara, porque todos eles entram, porque tinha tudo pra dar certo a nova associação.

“O povo foi fraco, a equipe não foi corajosa”

- E por que não deu certo, Sandra?

Não deu certo porque eles começaram a roubar muito, eles pegavam o dinheiro emprestado do seu Décio [atravessador] e chegava o dia do pagamento nosso nós não tínhamos dinheiro pra receber, por quê? Não sei o que eles faziam com o dinheiro, aí acabou desanimando e eles saíram fora. Então, esses eram viciados e são até hoje, agora os outros que queriam trabalhar, se esforçava pra nada, porque chegava no final da quinzena e não tinha dinheiro, eles roubavam o dinheiro. Aí foi um tempo, nós ficamos lá uns 6 meses, aí começou a desmoronar, não sei o que aconteceu e eu comecei pressionar muito eles, brigava muito com o Luciano, eu falava do dinheiro que tava errado, falava do alumínio que sumia, que dava muito pouco, aí comecei a pressionar eles bastante, aí ele veio, discutiu com o Renato, aí tirou ele fora da liderança e tirou o Luciano filho da D. Lurdes, aí ele falou que quem faltasse 2 dias era excluído, só 2 meses que eu fiquei lá em baixo, liderando lá, só 2 meses. Aí a gente punha outras pessoas, quando os outros saíram, mas não era gente do grupo nosso da revolução.

- Esse povo que entrou depois, já tinha trabalhado com lixo?

Nunca tinha trabalhado com lixo, que tão lá na Acácia até hoje, aprendendo, por necessidade. Aí nós ligamos lá [para o Luciano] e falava pra ele e tiraram tudinho eles, aí a Lena veio, chamou eu e eu não queria unir com a Acácia.

- Por que, você acha?

Por causa disso, porque não ia dar certo, não em termos de mim, pra mim ia dar certo que o Luciano já tinha garantido uma coisa pra mim lá, mas falei que não, que eu queria estar unida com eles. Aí ele falou que não, que não podia existir 2 cooperativas, um monte de coisa e teve uma reunião com assistente social, o secretário do Edinho, foram lá e tudo e eu falei assim que eu não queria mesmo unificar... E veio o Nascimento [vereador] também, ele tinha propostas pra não ir com a Acácia, mas era pra esperar um mês, só que o povo foi fraco, a equipe não foi corajosa, eles não foram unidos esse tanto, se fosse unido nós não tinha unificado, mas a equipe não se uniu... (...) Eles queria entrar com Lena, a metade deles queria entrar com a Lena, eles entraram, aí eles fizeram um documento, em dois meses era obrigado a ter uma nova assembléia, só que não foi acontecido ainda porque a Lena falou que nós não tamos preparados a equipe pra uma nova assembléia.

“Eles acham que quem manda lá é eles, os parentesco da Acácia”

- Mas aí você tinha falado também do parentesco lá, como é?

A maioria é irmão e tio, a D. Divina é vó, é sogra da Helena. As mais antigas são a D. Divina, D. Lurdes, D. Maria, que daqui a pouco tá aposentando, né? E seu Galvão, Edvaldo, Ivan, todos eles já vieram já, é tudo parente do marido da Lena [refere-se ao Gervásio], os parentes da Lena saíram, a Taís saiu, o Rafael trabalha lá, mas não na Acácia. Ali tem mais a família da D. Divina, da D. Lurdes é só o Cleverson, que tá tudo no aterro. Lá no aterro eles dominam, a família da D. Lurdes, que eles estão lá desde o começo, netos, né, agora tá tendo os netos, tá tendo a maior pressão lá, não tá?

- Pra unir com a Acácia eles não querem...

Lá eles acham que a turma da Acácia não trabalha nada e realmente não trabalham mesmo! Tem algumas pessoas lá que não têm garra pra trabalhar e é isso que estraga na Acácia, igual eu falei, não aceitam ser mandado e só trabalham quando a Lena

tá lá, aí funciona o negócio, se a Helena não estiver lá o negócio não funciona, aí eles não põe na cabeça deles que nós que perdemos dinheiro.

- Mas esse “eles”, quem são?

É eles todos, os parentes da Helena! Porque o cunhado, a cunhada, os sobrinhos, todos eles, quem não é parente dela é nós mesmo, eu, a Patrícia, a Vera, a Cleide, que entrou novo; de parentesco dos novatos é só o Jajá, o Jardiel é casado com a filha dela.

- E esse povo não aceita ninguém no lugar da Lena...

Não, aceita sim uma pessoa de fora, não uma pessoa que vive no meio deles, assim eles não querem. Não sei, porque eles acham assim, igual eu, tem essa coisa da inveja, que eu tô lá faz 4 meses, a Lena chegou na reunião e me promoveu a delegada, sou a delegada lá, fui pra Tabatinga, pra São Paulo, sou delegada temática agora tô brigando pelo projeto, apresento o projeto daqui da Acácia.

- E você representa a Acácia...

Represento a Acácia, eu e a Taís, que a gente tá vendo se sai a máquina de recicláveis que faz cartões. Nós tamos lá e eles falam que não, que não admite, que eles não querem eu, né, que eles acham que eu nem bem cheguei, que eu não sou do lixo e já tô na frente, né? E eles não acham certo e tem as mulheres que têm mais a birra, são as mulheres que elas falam que não é justo, que elas estão lá há 2 anos e 7 meses e não conseguiram nada e eu cheguei lá faz 3 meses e estou indo à frente, elas não admitem isso, eu falo, eu não posso fazer nada, eu vou pegar a chance que estão me dando. Porque a Lena falou que, segundo o Luciano, ela disse que eu tenho capacidade, que ela viu – ela não falou pra mim, o Luciano que falou – que eu tenho condição, aí ele me passou e me indicou pra esse curso de liderança, ele me indicou.

- E agora, qual é a situação? O maior problema que ali você encontra?

Lá é por causa do termo do parentesco, eles podem parar, eles não ligam, eles podem fazer o que quiser na usina e lá na usina, nem amizade você pode ter porque a falsidade é muito grande, eles acham que você tem que trabalhar e só, só trabalhar e ficar quieto, eles acham que eles são antigo e quem manda lá é eles, os parentesco da Acácia.

“Eu não vou trabalhar mais que você pra você ganhar igual a mim”

- Quantas pessoas são da Acácia e quantas da turma de vocês agora?

Nós somos 17 e eles, uns 26... Nós somos 44 com o Anderson [já referido].

- E aí esse pessoal que está com você quer se unir, bom, eles já se uniram, né?

A minoria prefere ficar lá. Nós queremos, igual eu levei a eles, que eu sou a cabeça deles, né? Quer 2 turnos e eu vou pro outro turno com eles, abrir o meu espaço com eles e eu não falei com a Lena ainda. Assim, o Luciano falou que podia existir 2 turnos, agora ele já jogou na cabeça do Edinho de existir 2 turnos, se caso eles consigam eu quero ficar do outro lado, não quero ficar na Acácia, não quero trabalhar com o povo da Acácia.

- Mas ali é o mesmo espaço, não é’?

Mas muda o turno diferente, eles querem entrar no outro turno, ele não querem entrar com a Acácia e a Acácia também não quer eles.

- Aí vai ganhar cada turno por si, ou vai juntar tudo e dividir?

Então, mas aí olha só, o que eles acham é que o lixo não é suficiente pra 2 turnos e a turma do aterro dá mais valor ao serviço, que o pessoal que tá na Acácia 2 anos que tão ali e não subiram nada, se der 100 reais na mão deles tá bom, eles se importam com isso só. É o pessoal novo que trabalha, nós que trabalhamos bem, quando eles tavam na esteira eles trabalhavam bem, depois que a esteira quebrou eles ganhavam 30 reais de vale, 150 de pagamento e a gente tá tirando 120 de vale e 270 de pagamento, e olha que eles acham que a gente trabalha pouco, e do outro lado então? Quem é que não trabalha? Quem tá trabalhando realmente lá na Acácia? Eles estão trabalhando pouco e eu falo que ninguém é ‘chupim’ de ninguém, que tem gente lá que não trabalha, encosta, eu não vou trabalhar mais que você pra você ganhar igual a mim. Aqueles ali do parentesco levam alumínio embora, eu falei na semana passada pro meu pessoal “pode levar cobre, tudo”, que não é justo que eles levam pra alimentar o vício, que são todos viciados. E a Lena sabe tudo o que rola, ela sabe, ela quer que nós entrega, mas gente não vai entregar nada, mas não sou contra os meninos levar, ela fala que não pode.

- E os turnos iam funcionar como?

A intenção dos grandão [refere-se aos agentes do poder público] lá eles querem que tenha 2 turnos, mas que una todo o lixo, mas os do aterro quer que separe o lixo, eles

não querem junto, eles querem eles e eles pra lá e eu falei assim pro Anderson, mas ele falou que não é a lógica de vender material, aí eu falei "o problema é seu, você vende o seu que eu vendo o meu". Vai ser uma só, Acácia, mas o que vai diferenciar é isso aí, a venda, mas isso não pode constar no documento, e daí? Nós vende o nosso e separa mas joga o total tudo pra Acácia...

- Aí ganha o quanto trabalha...

Não é o justo? Eles que vêm do aterro, querem os termos deles, não querem juntar.

"Lá no aterro é cada um por si e Deus por todos"

- Aquele lixo lá do aterro, o povo desenterra?

Às vezes desenterra, quando fica muito fácil eles vão com enxada, eles tira, eu peguei já uma vez, uma vez eles enterrava tudo e a gente ia lá e cavoucava, mas é que é proibido, né, por causa dos animais morto, das contaminações, eles não querem.

- Mas lá em cima [aterro] tem quantas pessoas?

Umás 50, com o povo de Américo, tá proibida a colheita [catação] lá, aí os guardas lá queima o monte, porque lá tá proibido os montes, agora não tem mais os monte, cada um leva pra sua casa o material, que às vezes eles [os guardas] queima tudo e alguns tá deixando lá perto do Gervásio [já referido], corre lá e deixa e o Gervásio olha. Lá ele colhe a hora que ele quer, mas na usina é melhor, que lá tem lixo à vontade, lá no aterro não, o lixo a máquina cobre.

- Algumas pessoas falam que era melhor lá no aterro...

Porque cada um que trabalhava mais, ganhava mais, por isso, cada um não precisa ficar dividindo com o outro, que nem eu te falei, eu não vou trabalhar mais, pra receber igual a você, eu receber igual, por que eu vou me matar? Lá no aterro é cada um por si e Deus por todos, eles acham que é melhor, o rendimento é melhor, realmente é melhor mesmo, você vai se esforçar e sabe que é seu, não vai dividir com ninguém, mas lá é melhor, mais à vontade...

(...)

Lá na Acácia o povo mais antigo tem a produtividade, tudo bem, trabalha bem, mas tem umas críticas péssimas, eu acho assim, pessoas pequenas, uma associação que

quer crescer, atrapalha, porque a pessoa não sai daquilo, fica naquilo sempre, a pessoa não quer crescer, eles não dá muito espaço, eles não abrem de jeito maneira...

- Mas como assim, abrir espaço?

Liberar mais espaço, por exemplo, se eu tô à frente, decidir apoiar minhas idéias, não ficar contra mim, pro bem do nosso grupo, mas acontece o que? Tudo contra a gente, não tem nenhum que vai com a nossa cara ali e quando eles souberem que eu fiz curso, que eles vão saber mesmo, que o curso que eu tô fazendo era pra Lena fazer, mas como a Lena já sabe bem, aí eu fui indicada pra esse curso de liderança pra ver se eu consigo, se eles não me apoiarem, como eu vou fazer?

- E com esse curso você pretende...

Eu pretendo liderar a associação.

3.3 Considerações

Esses movimentos de idas, vindas e não inserções, ao indicar resistências apontam, trazendo à tona, para a maneira como foi/está sendo constituído o processo de formação associativa: ao mesmo tempo em que caracterizam os desafios para o fortalecimento da Acácia, são os próprios ecos da falta de planejamento e, muitas vezes de conhecimento mais aprofundado da questão. Este conjunto de informações demonstra o desafio de restringir a entrada das pessoas no local, mas a questão é anterior, implica num posicionamento, na capacidade de adquirir e elaborar instrumentos com base em uma repensada percepção da pobreza e da precariedade em diálogo com as populações em questão. Neste caso, as reações em resistência dos (as) trabalhadores (as) reconhecidas em meio às mudanças dos cenários políticos local, regional e nacional, no compasso das transformações estruturais mundiais acabam por fazer emergir, inevitáveis, questões e demandas até então obscurecidas, capazes de engendrar diálogos e abertura de novos espaços e alternativas. Alcançados estes espaços, lançam-se desafios em meio à invenção de novos *fazeres políticos* e caminhos de afirmação de vínculos sociais, tendo em vista a idéia de que:

(...) as políticas públicas são o resultado de processos complexos de negociação em contextos de poder desiguais, funcionando como mecanismos de regulação social (...) não são fatores de dominação ou de emancipação, já que contêm simultaneamente tendências hegemônicas e contra-hegemônicas, não sendo estádios de desenvolvimento, mas dimensões inerentes às formas de construção da vida social. (Guerra, 2002, p. 53)

Em meio a esta dinâmica, impulsionado um processo de transformação, o desafio para os (as) trabalhadores (as) é estabelecer, num redesenho dos percursos criados durante a vida, novas formas de *estar/se relacionar com o mundo*. Os próximos relatos de Lena realizaram-se no sentido de identificar e indicar idéias-força para a construção de um lugar (na ultrapassagem das individualidades) para a Acácia que possa significar para os (as) trabalhadores (as) mais do que uma alternativa econômica ou única saída, mas espaço de reconstrução, de reinvenção, reorientação dos trajetos na direção de um Norte ampliado de possibilidades:

Ali é uma cultura, de trabalhar na hora que quer, você vê a hora que eles chegam? Sai quando quer, cata o que quer, não tem compromisso assim. Eu sei que é bom, que eu já trabalhei assim, com liberdade, às vezes tira até mais, só que não tem benefício, fica largado, que nem eu falei, se acontece um acidente, não tem um fundo [garantias trabalhistas que uma associação pode vir a proporcionar], não tem nada e a mobilização é importante, se sentir unido também é bom, que lá [na catação] é cada um por si. (Lena, gravador, usina, abril, 2004)

(...) a associação tem que funcionar também como um centro de educação e cultura, com curso, possibilidades de profissionalização das pessoas, dos jovens principalmente que podem fazer outras coisas, porque eu sei que isso aqui pode ser temporário, e depois? E se não continuar? Tem os problemas (...) [com os adolescentes] que os mais novos não querem saber de esperar, querem logo aquele tênis, entendeu? (Lena, gravador, usina, março, 2002)

Nos últimos tempos, mergulhada no universo das falas tanto dos (as) catadores (as) como do poder público, tenho acompanhado uma dinâmica que cada vez mais se delinea

como de elaboração de um lugar social *em termos formais* para o desenvolvimento da Acácia como esse espaço de possibilidades, numa retomada de orientação de seu percurso. Os indicadores desta reorientação residem no diálogo entre os poderes públicos local e nacional, que inscrevem reformulações de discursos e ações políticas no direcionamento de políticas públicas rumo à *promoção da cidadania e erradicação da exclusão social*, em conjunto com grupos de resistência popular e apoios que vêm se constituindo e fortalecendo, encontrando espaço de compartilhamento a partir de iniciativas como os últimos Fóruns Sociais Mundiais: (...) *o acionamento dos instrumentos de política social é o resultado de determinada leitura da realidade, as ações têm um significado, representam uma visão do mundo e um projeto de sociedade.* (Guerra, 2002, p. 68)

É nesse registro que se constitui a idéia do *associativismo* como via de inserção e a Acácia se localiza e constrói: na interseção das trajetórias individuais com as vias de mobilizações em âmbito global articula-se o macro e o micro, amplia-se a ação, extrapola-se o subjetivismo e se contextualiza a questão.

○

Capítulo quatro

Capítulo quatro

A busca de um lugar social

1. A partir de um protagonismo

Como pudemos observar nesta recuperação dos fatos, através da escuta das diversas vozes a pontuar seus respectivos olhares na constituição, por sua vez, de lugares institucionais e pessoais nesse jogo dos poderes, interesses, necessidades e ações, a Acácia vem se estruturando num trajeto de luta afirmado preponderantemente em protagonismos. Nesse sentido, apresentamos nas próximas páginas a trajetória de Lena em um trecho de conversa na qual emergem elementos de elaboração de *seu lugar social* em meio à batalha travada neste percurso realizado do lixão à formação associativa. Este lugar se consolida central, ao longo desse tempo, a partir de atitudes e ações advindas de uma caminhada política pessoal que alavancam e reúnem forças no sentido da mobilização inicial dos (as) catadores (as). Esta posição esteve reforçada (e se desdobrou assim), muitas vezes, pelos movimentos descritos que bloqueiam, em centralizações e condutas pautadas na assistência e na tutela, possibilidades de formação de sentido de coletividade.

Lena assume, em decorrência disso, a presidência da Acácia e o papel de intermediação entre o grupo de associados (as) e o poder público buscando, através da participação no Movimento Nacional de Catadores (a) (MNCR) e em eventos decorrentes deste engajamento, a construção de pontes que ampliem as perspectivas, que estendam mais caminhos e possibilidades no sentido da consolidação de um lugar institucional a ser ocupado pela Associação. Nesse movimento também há sua busca pessoal por formação e esclarecimento, há um sentido de vida em reelaboração, uma mudança de olhar e uma bagagem adquirida que procura, aos poucos, carregar para o interior do grupo. Quando pergunto pelo seu interesse em participar dos encontros, a resposta acontece no sentido da identificação, da visibilização, da união:

O primeiro assim, oficial foi em 2001, foi lá em Brasília, desde lá a gente vem vindo, né, se somando, brigando... Vai vendo que não é sozinho. E vou trazendo pra cá tudo porque mesmo que eles não vão, a gente traz um pouco do que a gente vai

buscar e a gente também vai levando pra outros lugares, quando a gente tem a oportunidade de ir mais pessoas, né, então cada pessoa que vai, vai fazer outros cursos, teve o Anderson, a Sandra teve o curso agora do SEBRAE, de Liderança, depois perde, chega aqui inverte a lógica, mas... (Caderno de campo, usina, agosto, 2003)

O sentimento de fazer parte de uma luta coletiva também é o sentimento do existir socialmente num movimento da proclamada inserção social que revaloriza, reposiciona - *catador* é atividade profissional inscrita na CBO⁷³ - e atribui respeito que demarca um espaço de existência social solapada readquirida na compreensão que o 'lixo não é resto'. A partir da formação apreendida nos encontros dos quais participa e no exercício de intermediação e articulação locais, vai assim acreditando, se identificando e aderindo às batalhas e às idéias (instrumentos de luta) propagadas pelas falas ampliadas que buscam o redesenho do lugar social para o (a) catador (a) de lixo e nesse direcionamento afirma a base para o enfrentamento dos desafios, confiante na ampliação dos caminhos rumo à mudança. E se pergunto o que indica como mudança na experiência da Acácia que geralmente apresenta nos encontros - nos quais é corrente um momento para discussões a respeito das conquistas alcançadas neste tipo de iniciativa associativa -, Lena pontua a idéia do *sujeito desejante*, de quem agora pode querer para além da cesta básica ou de um frágil arranjo no lixão, querer se alimentar de outros sonhos e projetos e erguer estruturas mais sólidas. Para ela, numa análise de suas próprias experiências e sentimentos em relação aos processos considerados inclusivos, almejar outra forma de estar socialmente significa auto-valorização, auto-reconhecimento a nutrir uma possível mudança de rumo:

Hoje a gente percebe também que a maioria quer uma casa, ter um carro, coisa que ninguém se importava há um tempo atrás, lugar pra morar "ah, aqui tá bom, no lixo tá bom". Armar um barraquinho pra daqui dois minutos cair dentro num colchão, era aquilo mesmo. Então hoje eles já querem ter mais coisas, uma televisão melhor... Um relógio bom, um aparelho de som, que eles fazem disputa quem tem aparelho de som um melhor que o outro, cada vez que um vai comprar,

⁷³ Classificação Brasileira de Ocupações. A formalização da atividade da catação está contextualizada adiante.

sempre compra melhor... As mulheres também as mulheres são vaidosas com isso. E ter a sua casa, então hoje a gente percebe que os que estão morando no barraco já estão ficando com vergonha, antes era comum, hoje a gente percebe que tem vergonha de morar lá. Então com a vinda dessas casinhas [casas populares] estão tudo ficando doido, já vai fazer as inscrições que também é por sorteio. Vou ver se eu vou conseguir uma cota pra Acácia: "Olha, põe uns nomes aí da Acácia..". [na brincadeira] (Gravador, usina, agosto, 2003)

Esse movimento de busca de elaboração de um lugar social que é, ao mesmo tempo, pessoal e institucional, realizado por Lena (numa mescla do sujeito com o coletivo, segundo Vera, onde a vontade do coletivo parte mais de uma pessoa) delinea, nessa dinâmica, seu espaço na Associação. Espaço da liderança legitimada e questionada, nesse jogo dinâmico, internamente pela força de suas iniciativas e atribuída, principalmente no que diz respeito às responsabilidades que se concentram em suas mãos, através da qual procura imprimir ritmos e rumos. Através da narração de sua trajetória, passando por sua inserção política e a intensificação deste engajamento desdobrado nesse processo, suas falas⁷⁴ contextualizam e descrevem os fatos, iluminando questões para a compreensão dos impasses vividos a partir desse seu lugar construído.

⁷⁴ Entrevista realizada com gravador.

1.1 Lena

A luta

Não era comum, não, eu lembro que naquela época tinha um senhor que vinha com uma carroça, ele tinha uma carroça e comprava ferro, hoje eu não lembro do nome dele, ah, eu ia pegando lá da vizinhança as coisas e ia juntando as coisas e ia guardando, quando ele passava, então já vendia material pra ele, já tinha alguma coisa pra reciclagem e eu nunca parei

setembro, 2004:

“Ah, eu sempre trabalhei, sempre fiz bico desde que eu me conheço por gente”

Então, eu nasci dia 27 de setembro em Ibaté [interior de São Paulo], meu pai trabalhava na usina, né, na verdade eu nasci na usina mesmo, mas fui registrada em Ibaté. Aí meu pai veio trabalhar aqui na usina Zanin, nós fomos morar lá e ficamos não muito tempo porque depois a minha mãe mudou pra cidade. Ficamos lá até acho que os meus 9 anos, depois a gente veio morar aqui no Santana [bairro de Araraquara, já referido], meu pai tinha já comprado um terreno, tinha um cômodo e também porque a gente já tava crescendo, acho que a minha mãe já queria vir mais pra cidade, que a igreja era mais perto, sei lá. Éramos 6 mulheres e 6 homens, total, doze irmãos. Uma está desaparecida, ela foi embora de casa desde os 14 anos, saiu de casa e foi.

- E nunca mais apareceu, nem deu notícia, nada?

Não, porque nós tivemos um regime muito rígido, minha mãe é da Igreja Assembléia, né, uma das Igrejas mais, que tem o padrão de vestimenta mais rígido, é essa. A minha mãe criou a gente, ela tinha um sistema rígido, então aquele que não aceitou, eu mesma saí de casa várias vezes. (...) Eu sou cara-de-pau, porque a briga é muita, a briga é imensa, e quando cê não quer obedecer, eu sempre fui desde pequena mais de não obedecer, então desde pequena já eu trouxe a noção de ser independente, eu achava que eu devia fazer uma coisa eu fazia, eu achava que eu devia vestir uma roupa eu vestia, eu achava que eu devia fazer um serviço eu fazia, às vezes eu saía de um serviço, ia pra outro, minha mãe nem tava sabendo e eu já tava noutra serviço há muito tempo.

- Na roça você já trabalhou, como tantas pessoas aqui da Acácia?

Não cheguei a trabalhar na roça, fui acho que duas vezes, mas eu não dei certo aí eu desisti. Mas minha família, minha mãe trabalhou quando era nova, antes de casar com meu pai, ela sempre trabalhou, cortava cana, mais era a parte de cana que era lá na usina. Ela tomava conta da casa que já não era fácil, né? Doze filhos, mesmo quando não tinha os 12, ter que dar conta da casa, de manter tudo isso e às vezes fazer algum serviço fora também, né, minha mãe lavava roupa pra fora, ia limpar a casa de alguém principalmente quando a gente trabalhava na usina, aqui já foi menos, que aí a coisa já ficou mais apertada quando a gente foi mudar pra cá, mas a gente tinha horta, criava galinha, criava porco, então acho que a nossa vida sempre foi muito boa. Tive uma boa infância porque eu sempre fui muito espoleta! (...) Meu pai sempre trabalhou em usina, a profissão dele era caldeireiro, então meu pai sempre trabalhou nos fornos dentro das usinas, desde quando ele veio trabalhar pra cá, já veio direto pra trabalhar em usina mesmo, teve alguns desacertos na chegada, mas depois ele foi trabalhar na usina, ele já tinha uma profissão definida, né?

- E os estudos?

Antigamente não era comum a gente estudar, de estudo, fazia só o primário [atualmente denominado ciclo básico de ensino] e naquela época quem tinha o primário tava empregado, né, entrava em outro serviço qualquer, depois é que começou mais as exigências, que tem que ter mais estudo, mais isso, mais aquilo...

- Seu primeiro trabalho, você lembra?

Ah, eu sempre trabalhei, sempre fiz bico desde que eu me conheço por gente, mesmo quando tava na usina, ah, eu dava um jeito de fazer alguma coisa pra ganhar algum trocado, eu ajudava as mulheres lá mesmo, na época as mulheres dos usineiros também moravam lá, aí ia e me oferecia, né? A troco de qualquer coisa, mas eu ganhava roupa, ganhava sapato... Eu já era vaidosa, então valia a pena, mas eu escolhia a casa melhor, não era qualquer casa, era a que já tinha mais possibilidade de ter coisa melhor então eu já corria pra onde... Isso acho que eu devia ter uns 7, 8 anos, então...

- Mas geralmente as outras meninas faziam isso?

Não era comum, não, eu lembro que naquela época tinha um senhor que vinha com uma carroça, ele tinha uma carroça e comprava ferro, hoje eu não lembro do nome dele, ah, eu ia pegando lá da vizinhança as coisas e ia juntando as coisas e ia guardando,

quando ele passava, então já vendia material pra ele, já tinha alguma coisa pra reciclagem e eu nunca parei... Por exemplo, tem os peões que trabalhavam lá na usina, tinha pensão e eu ia lá na usina buscar garapa pras mulheres da cidade, já ganhava alguma coisa... E nesse ir buscar as coisas já arrumava alguém que queria cigarro, aí quando eles recebiam o pagamento eles me davam dinheiro, doce, roupa, então eu sempre tive na barganha. Até hoje sempre tem alguém que a gente conhece, que às vezes passa e eu às vezes nem lembro: "Ah! eu lembro de você, lá da usina!" Tem pessoas que a gente não reconhece mais, mas eles ainda lembram "ah, você é filha do seu Paulo, da D. Francisca, da D. Chica, né?" Ih! E foi assim, depois eu vim pra cá, aqui no Santana, tinha que estudar, mas eu não me dava bem na escola, parei de estudar e fui trabalhar, aí emprego, primeiro emprego mesmo foi olhar uma criança, também já fazia algum servicinho pras vizinhas.

"Eu falei: 'eu vou apoiar você de vereador, mas depois eu vou cobrar'

- E quando você começou a se envolver com a política, a se engajar?

A primeira vez que eu votei, eu lembro que já foi pro PT, mas depois de um outro mandato, um outro vereador, um dia eu fui lá na sala dele e ah, achei muito chato, não gostei, né? A conversa que a gente teve, foi muito formal. Eu votei nele, eu achei, gostaria de sentar, conversar, pra ver o que ele poderia fazer, algumas coisas, mas talvez eu não soube me explicar, não sei o que aconteceu. É, aí começou aquela coisa, depois a gente foi, fomos indo na trajetória...

Engajamento em política assim, de estar entrando foi agora nos últimos 10 anos, daí eu entrei mesmo pra valer, daí foi... Já tinha um grupo, eu lembro, o Edinho ainda não era vereador, era candidato - ainda nós discutíamos muito eu lembro até hoje, eu falei "eu vou apoiar você de vereador, mas depois eu vou cobrar", ele disse "então você pode cobrar". Ele já tinha sido candidato a deputado, mas não tinha dado (...). Naquela época eu tava trabalhando, fazendo bico num restaurante e também trabalhava aqui no lixão. Teve o plano Collor e depois o que aconteceu? Eu perdi meu emprego, perdi não, tinha que fazer uma escolha e eu optei então de não estar no processo que meu patrão queria, ele queria que nós trabalhasse mais e ganhasse menos, então logicamente não dava. Daí eu procurei, fui lá, ele não sabia o que eu fazia, era muito complicado falar que você

trabalhava no lixão, hoje não, hoje tá aberto, mas a gente conversava com o pessoal “cê vai lá na firma?” Tinha que falar que trabalhava na firma.

“Não, não tá nas minhas mãos, não sou eu que decido”

(...)

Daí, desse papo com o Edinho a gente passou a ver outras possibilidades de estar conversando, debatendo, na época [1995] veio várias pessoas da universidade, como você, acompanhar as pessoas que trabalhavam no aterro, a gente começou a se informar mais e foi a partir daí que eu comecei a me envolver mais com a política, por causa disso. Várias pessoas que vieram é até ruim porque cada um ficou procurando, se acertando, gente meio que nadando aqui dentro, poderia ter, esse mesmo grupo que ficou aqui cada um pro seu lado deixou de acompanhar...

- Que grupo você fala, o grupo de estudantes?

É, o grupo de estudantes, se eles tivessem engajado um pouco mais, né, com a gente seria, eu acho que seria melhor para todos nós...

- É, mas era complicado...

É, era complicado, eu sei que também tem uma rejeição do povo, do lado de cá, eu lembro que no começo o pessoal xingava, me xingava também “o que é que você quer com a gente aqui?” Então essa implicância era dos dois lados... Lembra de você? Até a Vera [então vereadora] apresentou você pra mim e a gente foi na D. Lurdes... Pois é, começou tudo ali. Na época tava tendo aquela correria com a polícia, que queriam tirar o pessoal de lá e mandou todo mundo pra uma creche no Santana... Na verdade não foi nem isso, foi uma jogada⁷⁵ né e eles conseguiram mandar o pessoal pro Santana, nossa que trabalho que deu pra voltar de novo essa gente pra cá, briga de lá, briga de cá... Foi muito tenso, mas aí a gente teve, né, um apoio muito bom do pessoal. Mas teve muita coisa, o caso da nova Associação, deu briga com a Sandra, que tá pra sair daqui, arrumou confusão, o tempo fechou pra ela aqui.

- Mas por que você acha que teve resistência com ela?

⁷⁵ Lena se refere ao já mencionado caráter da ação que envolveu uma série de interesses políticos e, nesta mesma fala, indica a reação dos (as) catadores (as) diante das abordagens que, naquele momento, se iniciavam no sentido da reunião de um grupo para a futura elaboração da idéia de cooperativa.

Teve resistência porque eles acham que ela quer uma coisa que ela não conquistou, ela chegou agora e já quer 'ir na janelinha', né?

- Mas eu percebo, o pessoal que ta há mais tempo tem essa coisa do território, né?

É, "eu to aqui, ó..." [gesto que indica muito tempo]. Que nem o Gervásio [questão já mencionada], você vai falar como que ele tem que sair de lá? É uma cultura... É uma cultura mesmo e mesmo que ele saia de lá, é um cara que não vai demorar um ano ele tá morto mesmo, você tirou a vida dele, a cultura dele, você tira a vida da pessoa.

Que nem ela [Sandra] falou: "tá nas suas mãos". Não, não tá nas minhas mãos, não sou eu que decido, eles querem assim. Eles não querem vir trabalhar às 7 horas, eles querem começar mais tarde, o horário do almoço eles querem começar mais tarde, só que eles, a outra turma [mencionada por Sandra] já quer sair no horário. Eu falei, não existe essa coisa de horário, existe, já que vocês querem sair no horário, vocês têm que dar conta do serviço no horário, simples.

"Pode pagar dobrado que ninguém quer assumir"

- E pra outras pessoas assumirem esse papel que você tem?

Eu acho que vai demorar um tempo ainda. Eu tava investindo legal pra que fosse ela [Sandra], porque se você fosse pegar outras pessoas, é que eles não querem.

- Desse pessoal mais antigo não tem ninguém que quer?

Não. Pode perguntar, pode pagar dobrado que ninguém quer assumir. É aquela coisa, eu acho que cê vai indo, porque chegar com tudo também não adianta. Ih! Tem dia que eu falo "não tô nem aí, cês resolvem aí que eu tô indo embora". Se começa chamar, falar, gritar... Assim, aí de repente ce começa, vai devagarzinho, quando cê vê à tarde tá tudo prensado, tudo feito. Porque é assim, o pessoal fala: "Não, tem que fazer cooperativa, tem que formar", no papel é uma coisa, a prática é complicado.

- O que mais eu observo, que é mais de acompanhar desde aquela época do lixão, é que o pessoal tinha uma outra história, se for ver a história de cada um aqui, todo mundo trabalha muito desde muito cedo e tem uma autonomia...

Exato! É uma vida... Aí me falam: "Você tem que exigir que eles entrem no horário", não dá pra você deixar, tem castigo [punições como no caso das faltas], aqui a

gente tem, mas tem coisas que não dá pra você obrigar, que nem eu falo pra eles, o dia que vocês começarem a trabalhar no horário, não sou eu que, vou ter que chegar aqui todo dias às 6 horas e ficar esperando, impondo? Nossa, eu acho que, não sei...

•

2. Em meio às encruzilhadas e arranjos institucionais: o Projeto de Coleta Seletiva Solidária

O momento em que realizei esta conversa com Lena estava caracterizado pela suspensão, paralisação em relação às ações tanto a respeito da polêmica união dos grupos - Acácia e 'nova associação' -, quanto ao segmento das ações e da continuidade do processo que esteve, o tempo todo, conduzido nesse diálogo com o poder público. Um diálogo, como pudemos perceber, mais compreendido entre pessoas, sujeitos - Lena/Luciano/Vera/Edinho; Sandra/Luciano/Nascimento - do que entre lugares institucionais - Acácia/Secretaria de Desenvolvimento Econômico; Acácia/Governo. Por isso a idéia exposta de protagonismos a caracterizar, imprimir um tom específico a definir, por sua vez, os contornos e diretrizes dessa luta, dessa busca por um lugar social. Constitui-se, assim, uma situação de encruzilhada de relações entre diferentes lugares individuais-pessoais e institucionais-formais. O final de 2004 é tempo de indefinição eleitoral, tempo de espera para saber como articular, como apresentar e intermediar a idéia da retomada do Projeto de Coleta Seletiva - que é uma das principais reivindicações do MNCR no sentido de mudar o caráter do trabalho com o *lixo*, que passa a ser trabalho com *material seco* - iniciado com a implantação dos Ecopontos em junho de 2003:

Eu quero fazer a coleta seletiva. Seria um projeto, igual um projeto que já tem, mas expandir mais, tem hoje uma caminhonete que trabalha lá com oito, nove pessoas lá no Carmo. O que a gente faria hoje? Com o caminhão a gente tem condições de passar nas casas, esse material nós temos uma baia aqui, né, a gente pode estar fazendo, é um material mais limpo, estaria prensando e vendendo. Aí tem a coisa do papel, da reciclagem, projeto de estar trazendo os garotos (...). E a gente tá pensando de estar conversando com os condomínios, fazer conscientização, que é uma das maiores coisas que a gente vai fazer... Nós temos aí como passar no rádio

(...) O trabalho é estar conscientizando, eu acho que esse é um papel nosso, mas pra isso a gente precisa de uma condução [transporte para o material], de disponibilidade, tem que ter três, quatro pessoas que realmente debrucem nesse projeto, né, e eu acho que batendo a gente consegue. (...) Porque hoje, você dando a sustentação pra mais pessoas, é menos gente marginalizada, entendeu, é um a menos no farol com o cano [revólver] na sua orelha... Então eu acho que a gente tem tudo, é acabar essa semana [eleições municipais], mas depois esperar pra poder voltar independente do resultado, espero que o resultado seja favorável. Mas independente o nosso projeto aqui tem que continuar. (Lena, setembro, 2003)

Definido o cenário político com a garantia da continuidade do governo, Lena busca junto ao poder público, na intermediação com Vera, apoio para a idéia que já havia sido discutida em vários outros momentos e que surge, por sua vez, como demanda a partir da elaboração da Associação e das novas discussões - no horizonte do propagado discurso do Desenvolvimento Sustentável - a respeito do tratamento do lixo urbano e domiciliar numa perspectiva mais ampla:

(...) desde que eu assumi, no final de abril [2005], a primeira pergunta que eu fiz foi 'e a coleta seletiva?' O prefeito chegou a falar que não queria retomar esse ano a coleta seletiva, que ele queria retomar quando tivesse em prática o plano de resíduos [mencionado adiante], daí eu fiquei uns 15 dias sem perguntar de novo e encontrei com a Helena, ela me procurou e disse assim 'como você tá pensando no seu plano, de entrar com a coleta?' Eu falei 'olha, eu acho que a gente tem que entrar com a coleta com mais força, não pode ser um órgão só'. (...) essa idéia nunca saiu da pauta dessas conversas que eu mantive com a Helena e aí o convite pra Acácia não foi um convite formal, foi assim, bom, a parceira natural (...) Ela tinha escrito um projeto (...) então ela tinha esperanças dela encaminhar via Associação um projeto... A mediação foi dela. (Vera, gravador, dezembro de 2005)

A partir desse momento, iniciam-se as reuniões para a elaboração do Projeto e se constitui um Conselho Gestor envolvendo vários órgãos do governo juntamente com a

participação da Acácia - Secretária de Desenvolvimento Urbano por meio da Coordenadoria de Meio Ambiente, Secretária de Desenvolvimento Econômico, a Coordenadoria Executiva de Economia Social e Solidária, a Secretária de Governo, por meio da Coordenadoria de Participação Popular, a Secretária de Obras e Serviços Públicos e o Daae. As reuniões iniciais revelam uma série de pendências apontadas pela Acácia - através da figura de Lena - em relação à sua situação institucional em referência ao Daae, numa retomada da questão percebida de dependência estrutural e econômica anunciada por ocasião da paralisação da esteira de triagem:

(...) nas primeiras reuniões foi ruim, porque a gente tava discutindo o Programa de Coleta e a Helena tava com problemas seriíssimos na usina que ela trazia nessa reunião e a gente não conseguia separar as duas coisas, mas precisava separar, porque senão a gente não ia conseguir viabilizar o programa (...) aí a gente conseguiu, foram marcadas reuniões com o Daae, pra separar essa questão da usina, que tinha que ser tratada direta com o Daae, porque ele que faz a gestão lá. (Camila, da Coordenadoria de Economia Social e Solidária, dezembro, 2005)

Em meio a essas discussões surge, a uma semana do lançamento do Projeto, outra série de questões que revelam a fragilidade do processo formal de estruturação da Associação - sua identidade jurídica está definida em termos legais? Qual sua relação, nesses termos, com o Daae, gestor do espaço e da estrutura por ela utilizados? Em termos burocráticos, como situá-la enquanto *parceira* num Projeto que pretende se inserir numa pauta mais ampla?

O Governo tá com um programa de gestão de resíduo pra tentar reformular os bolsões de lixo que eles não funcionaram, não tem a menor segurança, não tem um trabalho de conscientização pra população em conjunto, então os bolsões multiplicaram os depósitos de entulho, então foi feito um plano de gestão com alguns pontos de entrega voluntária que vai começar a ser implantado, porque o Governo queria, seria amarrar o início da coleta a esse nicho de toda reformulação da gestão de resíduos, mas aí houve um certo momento, que nós ficamos num

marcapasso de vai-não-vai muito tempo... (...) aí eu acho que esse foi um dos impasses desse processo, que a gente foi ver se eles [Acácia] tinham CNPJ, deu uma certa paralisia aquele dia, a gente ficou... (Vera, dezembro, 2005)

Paralelamente a esses impasses, o Daae recebe, a partir de uma visita técnica, uma orientação por parte da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) para que a Associação elabore uma mudança para o estatuto de Cooperativa:

(...) foi uma imposição da DRT, eles foram até lá, fizeram uma intervenção dizendo que precisava se transformar em cooperativa por conta das questões trabalhistas porque por lei os associados não podem ter fins lucrativos e também as condições de trabalho que eles têm ali. Parece que um dos associados saiu e entrou com uma causa trabalhista e aí a DRT teve que ir atrás, eles estavam sem equipamentos⁷⁶, então fizeram uma autuação e chamaram para uma reunião os órgãos responsáveis - o Daae, a Prefeitura. A partir dessa autuação surge a necessidade deles se legalizarem como uma cooperativa porque então eles poderiam ter as retiradas, o diretor poderia receber, porque numa associação a diretoria não recebe (...). (Camila, dezembro, 2005)

Por conta dessa orientação o Daae, como integrante do Conselho Gestor e órgão responsável pelo espaço do aterro, anuncia que não fará nenhum contrato com a Acácia enquanto não houver a mudança do estatuto, ou seja, sua situação permaneceria irregular, colocando em xeque a possibilidade da parceria e da participação no projeto. Tal questão mais uma vez anuncia a falta de autonomia da Associação que, enquanto correm tais impasses, busca nesse meio de campo se constituir como coletividade: há assim, um descompasso entre seus processos internos (no sentido até de internalização, num nível subjetivo, lugar social simbólico) de elaboração de pertencimento - implicado em fazeres ainda muito próximos aos vivenciados no lixão, descritos neste texto e seu processo de pertencimento institucional (formal, socialmente reconhecido, lugar institucional):

⁷⁶ Há grande resistência entre os (as) associados (as) em relação à utilização de equipamentos como luvas e máscaras (que são comprados com seu próprio dinheiro e permanecem armazenados), que atrapalhariam a execução do trabalho.

(...) 'nós não vamos mais fazer nenhum contrato enquanto ela não se transformar em cooperativa' - o Daae colocou essa questão e a gente contra-argumentou 'se a Acácia é irregular, então como vocês mantêm a Acácia como parceira num espaço, no uso de um equipamento público?' Então foi a questão que xecou, porque eles querem adiar o Projeto para o próximo ano (...). Aí ficou como um adendo do contrato que já existe com o Daae, a coleta. Por quê? Porque a Acácia está usando um equipamento que foi repassado à Coordenadoria do Meio Ambiente com um convênio com a Secretaria Estadual [refere-se ao caminhão utilizado para a Coleta Seletiva], então essa situação do lugar institucional e da parceria Acácia-Daae-Prefeitura é uma coisa que ainda tem alguns problemas. (Vera, dezembro, 2005)

Em conversa com Cyro, superintendente do Daae, fica nítido que essa relação de dependência está pautada por um olhar vitimizante em relação aos (às) catadores (as) - quando o Departamento assume a gestão do aterro, assume ao mesmo tempo a responsabilidade sobre a usina num acordo com o governo que, como salienta Lena, foi uma jogada - provavelmente em termos financeiros. Quando pergunto sobre sua contrapartida tanto em relação à manutenção técnica da Usina⁷⁷, quanto em relação à participação no Projeto de Coleta Seletiva, a resposta se articula no sentido de uma espécie (trata-se de uma autarquia municipal) de 'responsabilidade social':

A nossa participação no projeto é aquela parceria boa... O Daae entra com o bolso.(...) Dessa questão da Associação, eu acho que a gente tem que fazer alguma coisa, tem que participar. Pegamos o barco andando e a nossa intenção é aperfeiçoar essa parceria, dar liberdade cada vez mais, dar treinamento, todo apoio, o Daae é um órgão público, então eu acho que... A gente tá tirando gente ali que tá comendo, cansei de ver gente comendo lixo. Quando nós fomos conversar com eles pela primeira vez, tinha um pessoal que ficava lá fora, que não era da

⁷⁷ "Esse ano nós gastamos 500 mil reais pra reformar, ampliar a esteira e constantemente você tá dando manutenção, ficaria uma, se você pensar na energia elétrica pra movimentar aquela a esteira, a prensa, daria por aí uns 80 mil por mês, coisa que, se a Acácia tivesse que arcar com esse custo, ela não teria como". (Dezembro, 2005)

Acácia, de vez em quando eles entravam na Acácia, roubavam material da Acácia, então um dia eu fui lá à noite, peguei meu carro e eu fui conversar com eles, eles estavam lá acampados, tinha criança, eu fui avisado que eles tavam acampados lá no meio do canal escondido, um frio que tava, daí eles fizeram uma fogueira e eles tavam fazendo um caldeirão, uma lata de 20 litros, eles tavam fazendo uma sopa das coisas que eles pegam do lixo, me ofereceram, mas não dava. Isso foi em 2003. (Dezembro, 2005)

Outro elemento revelado nesse cenário, segundo Vera, tem a ver com a participação da Acácia no Conselho Gestor enquanto *parceira*, discutindo e questionando decisões, tendo em vista que sua posição até então vinha sendo construída-atribuída, como vimos, nesse jogo das ações impulsionadas pela composição *compaixão-tutela* e em protagonismos: se num nível, portanto, indagamos (e buscamos perceber nas falas) como ocorre a transição *de 'bicho' a associado (a)*, aqui na frente, efetuadas as pesquisas e em efervescência as análises, captamos como se efetua a transição *de "grupo de pobres" a Associação Parceira*:

Então ainda tem algumas coisas, foi difícil romper, pra falar assim 'a Acácia vai sentar junto em todos os momentos, vai também avaliar a mídia, aí você percebe um certo incomodo, por exemplo, quando foram apresentadas as cores, eles quiseram manter as cores da camiseta da Acácia, tem uma porção de coisas que indicam assim, quer dizer, existe um certo espaço de pertencimento ali, como é que entram esses outros nesse espaço? (Vera, dezembro, 2005)

A entrada da Acácia nesse espaço das formalizações, da visibilidades institucionais com mais autonomia inicia-se, segundo Laerte, da Coordenadoria de Economia Solidária, nesse momento da transição para o estatuto de cooperativa, um momento para a elaboração dessa entrada em termos menos tutelados e mais reconhecidos. Nesse sentido esta coordenadoria assume o papel de colaborador nesse processo de transição inscrito como

exigência, mais do que como desejo de um grupo: uma vez mais alça-se um vôo, talvez até agora o maior em termos de extensão - pelo menos são essas as expectativas ou intenções descritas nestas falas de Laerte e Camila realizadas (dezembro de 2005) em resposta à pergunta que lhes dirijo a respeito de sua relação com a Acácia nesse momento:

Camila:

Foi um pouco complicado lidar com a Acácia porque você não tinha um setor que lidava com ela, você tinha várias pessoas de setores diferentes que intervinham lá (...). Então hoje você vê, o Comitê [Conselho Gestor] é misto e com pessoas que já trabalhavam com a Acácia, mas de diversas áreas, você não tinha uma pessoa que cuidava da formação daquele grupo, você tinha várias pessoas que hora iam, hora não cuidavam, você não tinha um programa pra transformar. Quando você acompanhou o processo, quando eles saíram do aterro, que o grupo começou a se formar em Associação, não teve alguém que acompanhou (...) Não teve um projeto político pra viabilizar a formação desse grupo, isso nunca existiu, você tinha uma pessoa ou outra de cada setor que tentava fazer alguma coisa.

Laerte:

Isso tem a ver com a própria cultura do setor público nessa área, o Singer costuma dizer isso nas palestras dele que o setor público trabalha muito na perspectiva de criar um grupinho de pobres. Então é um pouquinho isso, quando você monta a usina aqui, você está criando um grupinho de pobres, pra que alguém vá lá, faça um esforço de inauguração. Do ponto de vista político, o resultado é importantíssimo, mas do ponto de vista da transformação daquelas pessoas o efeito é quase nulo, não que não seja importante (...), acho que implicou, de uma certa maneira, em uma humanização de trabalho, é indiscutível, mas você reduzir, limitar o processo aí, é criar um grupinho de pobres, então essa continuidade da formação, isso é extremamente importante, acho que nunca existiu e a gente tá meio que capengando nesse aspecto. O fato é que ainda não tem uma equipe e estamos sem orçamento...

•